

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**

ROVANI MOREIRA DE FREITAS

***O TRI E O PENTA: ANÁLISE COMPARATIVA SOBRE A COBERTURA DO
JORNAL ZERO HORA NAS COPAS DE 1970 E 2002***

Porto Alegre

2006

ROVANI MOREIRA DE FREITAS

***O TRI E O PENTA: ANÁLISE COMPARATIVA SOBRE A COBERTURA DO
JORNAL ZERO HORA NAS COPAS DE 1970 E 2002***

Rovani Moreira de Freitas
Matrícula: 3167/02-3

Monografia de Conclusão do Curso de
Graduação em Comunicação Social,
Habilitação em Jornalismo, apresentado
ao Departamento de Comunicação da
Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação Social da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Sandra de Deus

Porto Alegre

2006

Agradeço aos meus pais, Ociran e Zulma, por sempre terem colocado a educação como prioridade para seus filhos. Aos meus irmãos, pela convivência. Aos amigos que fiz na faculdade e me ajudaram a chegar até aqui. Também sou grato aos amigos que cultivo fora dela. E à professora Sandra de Deus, pelo apoio e lições aprendidas.

RESUMO

O presente estudo analisa o jornalismo esportivo e a cobertura de Copas do Mundo como forma de propaganda do governo e como atributo comercial a partir de uma comparação qualitativa da cobertura realizada pelo jornal Zero Hora, de Porto Alegre. Em meio à ditadura política, a conquista do tricampeonato mundial pela Seleção Brasileira foi utilizada pelo regime militar como forma de publicidade de um país vencedor. Trinta e dois anos mais tarde, a repressão deixou de ser política para se transformar em uma censura do mercado. O jornalismo não fugiu às regras do mercado, se transformando em uma empresa, que deve oferecer ao seu consumidor/leitor um produto cada vez melhor e diversificado. Como foi a característica da cobertura da primeira Copa do século XXI, onde fatos fora dos gramados também fizeram parte do noticiário esportivo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
1 JORNALISMO: 1970 E 2002	08
2 BREVE HISTÓRICO DO JORNAL ZERO HORA.....	22
3 HISTÓRIA DAS COPAS DO MUNDO	25
3.1 MÉXICO - 1970	33
3.2 JAPÃO E CORÉIA - 2002	37
4 COBERTURA DA COPA DE 1970	43
5 COBERTURA DA COPA DE 2002	58
6 COMPARAÇÃO ENTRE AS DUAS COBERTURAS.....	79
CONCLUSÃO	86
REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO

Nos primeiros anos que se tem algum registro de cobertura esportiva no Brasil, início do século XX, pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. Mas verdade é que o esporte de origem inglesa foi ganhando cada vez mais adeptos no país. Nascia uma paixão nacional.

O crescente gosto pelo esporte fez expandir e qualificar a cobertura em torno do seu tema. Assim, o futebol e o jornalismo esportivo foram se desenvolvendo na primeira metade do século passado. É nessa época que a federação internacional de futebol decide criar um torneio para indicar o melhor país no esporte, seria o início da Copa do Mundo.

Após a disputa das três primeiras edições, a II Guerra Mundial força um recesso na competição. Sua volta ocorreria no Brasil, em 1950. Mas os primeiros títulos mundiais do país viriam apenas no final daquela década, em 58 e também logo depois, em 1962. Pouco mais de meio século foi o tempo que demorou para os brasileiros conhecerem o esporte e se tornarem os melhores nele.

A popularidade do futebol já poderia ser mensurada pela cobertura que a imprensa já fazia a seu respeito. Os grandes jornais do país, na sua grande maioria, já davam destaque para os clubes de sua cidade e os campeonatos que eles disputavam. O futebol passa a ser considerado como o esporte das massas. Qualidade que não deixaria de ser usada pelo Estado após o golpe militar de 1964. O regime militar enfrentado por duas décadas pelo país foi um duro obstáculo que o jornalismo brasileiro teve de lidar na sua história.

De mãos amarradas, parte do conteúdo a ser publicado era obrigado a passar antes pela censura do governo, que buscava controlar as informações

divulgadas pela imprensa. Fatos que pudessem prejudicar a imagem do regime não deveriam ser publicados. Através da força, não restava outra opção aos jornais que queriam permanecer funcionando a não ser obedecer às regras impostas pelos militares.

Uma brecha que o jornalismo encontra nesse momento é o futebol, tema considerado apolítico pelos militares e que poderia entreter o povo. O tema ainda é mais apoiado pelo governo quando nele o Brasil era o melhor do mundo. O regime repressor que tomou conta do país viu no futebol uma forma de se promover como “um país que estava andando certo”. Afinal, não havia melhores garotos-propaganda do que Pelé, Rivellino, Tostão, Jairzinho e Gérson para representar um país vencedor.

Décadas mais tarde o regime acaba se dissolvendo e o jornalismo se liberta das correntes da censura política. O que surge, porém, é uma nova censura. Essa, não de origem do governo, mas sim do mercado. Atrrelado ao jornalismo surge uma palavra estrangeira que passou a ditar o seu ritmo e ser ela o seu guia, o marketing. A nova palavra traz para o jornalismo a mentalidade capitalista que crescia no mundo. E, assim, os principais objetivos dos jornais passam a ser garantir e ampliar seu mercado além de obter êxitos comerciais.

Por isso a escolha deste estudo pelos períodos do regime militar e outro mais recente. A opção pelas coberturas esportivas é devida ao fato do futebol ser um assunto de grande popularidade nos dois momentos históricos. Assim, são usados como base a Copa do Mundo de 1970, no México, e a Copa de 2002, no Japão e Coréia do Sul.

Em ambas oportunidades o Brasil se sagrou campeão. Na primeira, uma conquista que acabou servindo de publicidade do governo. Na segunda, cada partida vencida pela Seleção na Ásia era vista como um bom produto pelo jornal, como algo que vendia.

O ápice do jornalismo esportivo, que é a cobertura de uma Copa do Mundo, motivou esse estudo. Nada é maior do que isso se tratando de esportes no Brasil. Os Mundiais são momentos nos quais o jornalismo esportivo esquece a rotineira cobertura diária dos clubes da cidade e passa a trazer para o seu leitor as notícias do maior evento esportivo, ao lado das Olimpíadas.

A Copa do México em 1970 foi a primeira transmitida ao vivo para o país, mesmo as televisões ainda sendo artigo raro nos domicílios da maioria da população. Até hoje, a Seleção Brasileira que conquistou o tricampeonato para o Brasil é considerada a melhor que o país já teve. A primeira Copa realizada fora das Américas e da Europa, em 2002, foi um desafio para os profissionais brasileiros. Com um fuso de 12 horas para a Coreia do Sul e Japão, os jornalistas que participaram tiveram que se adaptar ao fuso do país do evento e do Brasil. Situação ainda mais complicada para os jornais, já que os jogos aconteciam nas madrugadas ou de manhã cedo, quando os jornais já haviam chegado nas bancas ou nas casas dos assinantes.

Para analisar os dois momentos do jornalismo, em especial aqui no Rio Grande do Sul, a opção foi escolher por um mesmo jornal que tivesse feito a cobertura de um evento de mesma espécie. O jornal escolhido foi Zero Hora, que em 1970 ainda estava nos seus primeiros anos, porém já era um veículo conhecido no Estado. Trinta e dois anos depois, ele se tornou o maior jornal não só do Estado como também na região Sul.

Através da análise qualitativa das duas épocas do jornal, o objetivo do estudo é avaliar as coberturas que Zero Hora apresentou. Compõem o estudo os exemplares dos períodos entre 01 e 21 de julho de 1970 e 31 de maio de 2002 até 02 de julho do mesmo ano. A partir da ponderação dos textos trazidos ao leitor, o trabalho é uma tentativa de se identificar não só as diferenças que três décadas acarretaram ao estilo de se relatar uma vitória ou comentar o time adversário, mas também, quais semelhanças são vistas nos dois períodos.

1 JORNALISMO: 1970 E 2002

As três últimas décadas foram de grandes mudanças nas mais diversas áreas do conhecimento. Cada setor evoluiu nas suas técnicas e nos seus modos operacionais de modo que, de tão abrangentes, setores diferentes acabaram se influenciando. Como no caso da informática, que hoje é inerente a tantas áreas distintas.

Não só em tecnologia se evolui. No Brasil assim como em outros países, foram anos de transições políticas, saindo de uma ditadura política imposta pelo regime militar para a democracia.

Ao mesmo tempo, influenciado por isso tudo, o jornalismo também se transformou. Os avanços tecnológicos o fizeram passar por uma transição radical, chegando a ser criada até um novo veículo de comunicação, a Internet.

A própria ditadura foi um rigoroso teste de resistência pelo o qual o jornalismo brasileiro passou nas últimas décadas. A forte repressão e o controle do Estado foram decisivos na forma com a qual era possível se fazer jornalismo.

Porém, para se chegar até a década de 1970, antes é preciso voltar um pouco mais para se entender como alcançamos esse momento. Os primeiros grandes jornais do país têm como nascimento o final do século XIX e começo do XX. Nessa virada de século, surge a grande imprensa, que se sobrepõe ao jornalismo da época: de menor porte e estrutura simples.

A passagem do século, assim, assinala, no Brasil, a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. Se é assim afetado o plano de produção, o da circulação também é, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores. (...) Está naturalmente ligada às transformações do país, em seu conjunto, e, nele, à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas: a transformação na imprensa é um dos aspectos desse avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte. O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. (...) Uma das conseqüências imediatas

dessa transição é a redução no número de periódicos (SODRÉ, 1999, p. 275).

Acompanhando os avanços da sociedade, o jornalismo também ingressa no sistema capitalista. E por décadas a imprensa escrita reinaria soberana, já que o rádio só iria aparecer anos mais tarde e a televisão só meio século depois.

Até os anos 50 a imprensa sobrevivia dos favores do Estado e de pequenos anúncios classificados. Situação que só tomaria outros rumos com a revolução industrial que o país passa na Era Vargas, mais particularmente no seu segundo governo (1950-1954). A industrialização traz consigo a publicidade. Os novos produtos que iam surgindo buscavam ser conhecidos pelo público. Para isso, as empresas usam espaços na imprensa para fazerem conhecidas suas marcas.

Nessa época começam a surgir investimentos de peso nos jornais. Com essa nova fonte de lucro, a imprensa pode se afastar um pouco mais do Estado. Mesmo assim, alguns laços resistiram nesse primeiro momento. O que fazia com que a imprensa não se dissociasse do Estado.

À medida que avançava o desenvolvimento industrial e aumentava o peso da publicidade, a imprensa foi se tornando menos dependente do poder público. Mas, afinal, quais eram os favores do Estado de que ela dependia naquela época? Eram, como hoje, os financiamentos dos bancos oficiais, as isenções fiscais, a publicidade governamental. No caso do rádio e da televisão, era principalmente a concessão de canais. Mas no caso dos jornais havia um problema adicional: era o governo que controlava a distribuição das quotas de papel, matéria-prima em grande parte importada sem a qual o veículo simplesmente não existia (ABREU, 2002, p. 10).

A ligação entre imprensa e Estado continuava a existir. Um controle que já se mostrava antes mesmo do regime militar. Seja pela distribuição de concessões para rádio e televisão, seja pelo controle da importação do papel para os jornais. O jornalismo no país dependia do governo, a quem cabia a sua sobrevivência.

Um governo que chega à década de 1960 sob pressão. Ideais do liberalismo eram defendidos por grande parte do setor empresarial e também pela imprensa de maior prestígio e circulação, que foi um dos suportes estratégicos para o golpe de Estado em 31 de março de 1964.

Antes de 1964, os grandes jornais alertavam para o perigo do “estatismo” na economia e condenavam as restrições ao capital estrangeiro, que impediriam o país de avançar no seu processo de industrialização. Diante da intensificação das reivindicações populares e do “perigo comunista”, os empresários da imprensa abdicaram de sua crença na liberdade individual e aceitaram a centralização do poder nas mãos dos militares como única alternativa para impedir a “subversão”, ou a ascensão dos grupos de esquerda ao comando do país (ABREU, 2002, p. 13).

No poder, parte do plano do governo militar se baseava no controle da informação. De acordo com seus conceitos, para visar o bem do regime e, por conseguinte, do país, era necessário manter uma boa imagem do governo. A partir desse ideal ele passa a controlar a imprensa.

O regime militar que tomou o poder no Brasil formulou sua própria ideologia de segurança nacional e elaborou novos procedimentos jurídicos e fundamentos institucionais para suas ações. Também procurou exercer controle por meio da repressão, através de diversos órgãos de segurança vigiando, interrogando e torturando.

Seu autoritarismo buscava o alcance das duas metas principais do regime, a segurança nacional – no sentido de controle e ausência de manifestações – e o desenvolvimento – no sentido de um crescimento econômico a qualquer preço. A necessidade por manter um controle social levou o governo militar a reprimir um dos possíveis focos para o surgimento de manifestações e idéias distintas da sua ideologia, a imprensa.

Embora fosse um regime autoritário que aspirasse ao controle social, também queria a legitimidade política. Nessa busca diversificada e por vezes contraditória, uma base potencial de legitimidade era a manutenção e a proteção das instituições tradicionais do regime (SMITH, 2000, p. 12).

O interesse do regime era a publicação de notícias que enaltescessem o “orgulho nacional”. Como o crescimento econômico do país, entre 1968 e 1973, que se convencionou chamar de “milagre brasileiro”. Uma política que aumentou o crédito ao setor privado e estimulou a produção para o mercado interno, beneficiando-se da ampliação do mercado internacional e os empréstimos estrangeiros, na época a juros baratos.

A euforia do desenvolvimento motivou ampla divulgação do crescimento da indústria automobilística, da produção de bens duráveis, além de grandes projetos como a hidroelétrica de Itaipu, a ponte Rio-Niterói e a tentativa da construção da rodovia Transamazônica.

Com base na Doutrina da Segurança Nacional, o governo atribuiu uma importância absoluta à luta contra a subversão. Na visão do regime, o perigo não era externo. A constante ameaça de luta interna transformou os cidadãos em inimigos potenciais. Assim, líderes trabalhistas e rurais, estudantes e membros da Igreja encontravam-se entre os mais duramente tratados pelos militares. Líderes de organizações políticas foram ainda mais perseguidos.

O grande marco para o regime aconteceu em 1968, com o que ficou conhecido como o golpe dentro do golpe. Até esse momento o povo achava que as Forças Armadas tinham tomado o poder de temporariamente com o objetivo de “restabelecer a ordem”. Mas nesse ano, ao invés de diminuir seu controle, os militares endureceram sua posição, se tornando mais repressivos e autoritaristas. O controle exercido pelo governo, censurando a imprensa teve formas diversificadas.

Sob o regime militar de 1964-85, em especial no período que se estendeu de 1968 a 1978, a censura à imprensa no Brasil assumiu diversas formas, todas ilegais, disfarçadas e negadas. A modalidade predominante de censura, à qual a vasta maioria de veículos de imprensa esteve sujeita diariamente durante muitos anos, constituiu em proibições emitidas secretamente pela Polícia Federal. Essa prática era conhecida eufemisticamente por autocensura (SMITH, 2000, p. 10).

O regime militar transformou o sistema jurídico brasileiro através de decretos do poder Executivo, ou atos inconstitucionais. Particularmente, o Ato Institucional nº 5 (AI-5), decretado em 1968, foi o mais devastador. Naquele ano, haviam se agravado as tensões entre Estado e a sociedade. Para tentar controlar essa instabilidade foi lançada essa medida, que era muito mais rigorosa que os atos inconstitucionais anteriores. Com ele, os poderes e direitos do governo se tornaram mais fortes e amplos. Multiplicaram-se os órgãos de vigilância e repressão, os quais muitas vezes agiam com enorme autonomia e impunidade.

Sob um regime repressor, crescem os conflitos políticos. De um lado, a repressão cada vez mais dura nos porões da ditadura e, de outro, segmentos de

esquerda entram para a luta armada. Fazendo o uso de táticas de guerrilha, os militantes radicais buscam enfrentar o regime militar com um projeto revolucionário através, principalmente, de seqüestros de diplomatas estrangeiros.

A imprensa brasileira nessa época poderia ser dividida em dois grupos: a grande imprensa e a imprensa alternativa. Como grande imprensa, consideramos a que era representativa ou majoritária, a dominante ou a mais bem-sucedida. Como imprensa alternativa, consideramos a que tinha como principal característica a crítica, a não-conformista. Para lidar com essas formas diferentes de imprensa, o regime militar criou e empregou recursos em suas tentativas de manter o controle das informações.

Para a grande imprensa, o governo – através da sua publicidade governamental – era um dos fatores de sobrevivência para a empresa.

Era muito elevada a porcentagem de publicidade na grande imprensa que tinha origem em fontes do Estado. Os governos federal, estaduais e municipais, bem como as estatais, gastavam consideravelmente com publicidade. A publicidade governamental abrangia, entre outras coisas, avisos sobre programas de vacinação, mudanças nas taxas de juros em bancos oficiais, licitações para obras públicas, a venda de bens, elogios a respeito de projetos patrocinados pelo governo e mensagens promocionais de ocupantes de cargos públicos pouco antes das eleições. Além disso, os decretos do governo tinham de ser publicados tanto no Diário Oficial quanto num jornal nacional de grande circulação. Tudo isso representava publicidade paga. Os governos eram grandes clientes da imprensa. (...) Esse dado é confirmado por estimativas de que a publicidade oficial representava mais ou menos 30% das contas das agências de propaganda (SMITH, 2000, p. 78).

Dessa forma, uma indisposição do veículo com o Estado, por exemplo, devido a uma reportagem sobre corrupção ou má administração, teria por consequência o corte da sua publicidade, também sendo uma outra forma de censura. Os jornais não queriam perder essa rica fonte de renda, e para isso eles próprios acabavam censurando a si mesmos, optando por não abordar assuntos que poderiam causar aborrecimentos com o regime.

Entretanto, a suspensão da publicidade oficial não representava uma ameaça tão grande para a imprensa alternativa. Porém, se o regime não tinha seus próprios

anúncios para retirar, certamente podia pressionar empresas privadas para que elas retirassem os seus. Restava para esses veículos, então, buscar a auto-suficiência através das vendas dos exemplares.

Não havia publicação, quer da grande imprensa ou da imprensa alternativa, que não estivesse sujeita a esses tipos de repressão do Estado. As que recebiam volumosa publicidade oficial podiam ver-se privadas dessa importante fonte de renda. As publicações alternativas que evitavam a dependência do Estado verificavam que a pressão era exercida de forma indireta, pois o regime poderia suspender empréstimos de seus anunciantes e lhes fazia com ameaças. Todos os negócios que se relacionavam com a imprensa eram alvos potenciais da pressão do governo.

Outra maneira de prejudicar a imprensa era a apreensão de seus exemplares. Como ocorreu em todo país, a polícia chegava à sede do jornal ou no seu centro de distribuição e confiscava a tiragem inteira. A pressão financeira do regime sobre a imprensa era um modo mais sutil de censura. Assim, eles ocultavam a informação de forma mascarada.

O lado comercial da imprensa oferecia, pois, ao regime, muitas maneiras de pressionar: auditorias, suspensão de anúncios do governo, pressão sobre anunciantes e gráficas particulares e confisco. Todas elas podiam prejudicar gravemente a liberdade de imprensa sem ter que exibir publicamente a restrição dessa liberdade (SMITH, 2000, p. 83).

As próprias notícias do Estado já eram sujeitas ao seu controle. Era difícil obter notícias das autoridades. Em geral, as notícias eram tratadas como material controlado, não como um bem público. A falta de confiança na imprensa era também o argumento usual para as restrições impostas às notícias. Segundo o regime, a imprensa não podia ser aliada na educação do povo porque ela própria não era confiável. Dessa forma, a predisposição do regime para controlar as notícias derivou de uma atitude a respeito da própria notícia, do povo e da imprensa. Havia inúmeras estratégias para impor tal controle.

Além dos procedimentos judiciais e a concessão de credenciais como armas contra jornalistas individualmente, o regime empregava também outras formas de maus-tratos, desde ameaças até graves agressões físicas. Veículos também foram

alvos desse tipo de atitude. Bombas eram colocadas nas sedes, nos escritórios das sucursais e nas bancas tanto de publicações alternativas quanto da grande imprensa.

A pessoa do jornalista também era alvo dos abusos do regime. Muitos foram espancados pela polícia, tiveram suas anotações recolhidas e seus gravadores e câmeras destruídos. Muitos jornalistas viviam apavorados, muitos se sentiam vigiados. Alguns foram sujeitos a interrogatórios severos, com o uso da violência e choques elétricos como forma de tortura.

O caso mais conhecido é o do jornalista paulista Vladimir Herzog, diretor de jornalismo da TV Cultura. Sabendo que estava sendo procurado por forças de segurança do II Exército, no dia 24 de outubro de 1975 ele se apresentou ao DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informações/ Centro de Operações de Defesa Interna) em São Paulo para prestar esclarecimentos sobre suas ligações com o PCB (Partido Comunista Brasileiro), proibido na época. Dentro de poucas horas o jornalista foi torturado até a morte. A nota oficial divulgada pelo Exército informava, de maneira categórica e minuciosa, que Herzog teria confessado participar efetivamente do PCB. Ele teria ainda denunciado outros companheiros antes de se enforcar. Segundo a versão oficial, Herzog se enforcou na cela com um cinto do macacão de presidiário. Seu corpo foi apresentado à imprensa pendurado em uma grade pelo pescoço. A grade, entretanto, era mais baixa que a altura do jornalista. Mesmo assim, a versão oficial era de suicídio.

A morte de Herzog foi um marco na ditadura. O episódio paralisou as redações de todos os jornais, rádios, televisões e revistas de São Paulo. Os donos dos veículos de comunicação fizeram um acordo com os jornalistas. Todos trabalhariam apenas uma hora, para que os jornais e revistas não deixassem de circular, e as emissoras de rádio e televisão continuassem com suas programações. No dia 31 de outubro de 1975, foi realizado um culto ecumênico em memória de Herzog na Catedral da Sé, do qual participaram 8.000 pessoas, num protesto silencioso contra a ditadura. Em 1978, a Justiça responsabilizou a União por prisão ilegal, tortura e morte do jornalista. Em 1996, a Comissão Especial dos Desaparecidos Políticos reconheceu que Herzog fora assassinado e decidiu conceder uma indenização para sua família.

O terror e a agressão estavam ao alcance do regime em sua tentativa de controlar a imprensa. O regime contava com um amplo leque de medidas para obstruir a liberdade de imprensa. SMITH (2000, p. 95) aponta os dois tipos básicos de censura que o governo aplicava sobre a imprensa.

Dois tipos de censura contra a imprensa foram praticados pelo regime militar no Brasil. Um foi chamado de censura prévia, o outro, autocensura. Ambos os rótulos eram enganadores. A censura prévia, exercida apenas contra um punhado de publicações, determinava que tudo o que fosse preparado por um jornal seria examinado pela polícia antes da divulgação. A autocensura consistia nas proibições de noticiar certos fatos que eram indicados pela Polícia Federal às publicações antes de sua investigação e divulgação e até mesmo de seu conhecimento, no caso de muitos eventos noticiosos. Dessa forma, a censura prévia não intervinha num estágio tão inicial do processo quanto a autocensura, e a autocensura certamente não era auto-imposta (SMITH, 2000, p. 95).

A censura política da imprensa era ilegal nos termos das próprias normas do governo. Estar sujeito à censura prévia não implicava qualquer ação judicial pública. Não havia notificação por parte de um juiz, nem normas públicas sobre os procedimentos e limites da censura. Os jornais simplesmente eram avisados de que tinham que apresentar todas suas matérias. As publicações não podiam avisar que estavam sendo censuradas, ou seja, a censura em si era um dos temas mais censurados.

Um outro tipo de controle da informação pelo regime ficou conhecido como autocensura. De 1968 a 1978 a Polícia Federal expediu proibições contra a divulgação de assuntos específicos. Através dela, a imprensa sabia que existia algo a dizer a respeito de determinado assunto, mas não podia se pronunciar sobre ele. Assim que chegavam os “bilhetinhos” da Polícia Federal nas mãos do diretor de redação (era essa a forma que a imprensa era informada das proibições), a indicação era prontamente acatada e, assim, deixava-se de destacar um repórter para cobrir a ocorrência que o governo fazia questão que não fosse divulgado.

A repressão acabou por dizimar muitos periódicos. Muitos jornais que chegaram a esse momento com certo vigor, não suportaram o controle imposto pelos militares. Na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, no início da década de 1950 existiam 22 jornais diários. Vinte anos depois, ainda nos primeiros anos de

ditadura, eram apenas sete. Nomes fortes, como Diário Carioca (1928-1965), Correio da Manhã (1901-1974), O Jornal (1919-1974) e o Diário de Notícias (1930-1976) acabaram fechando suas redações.

O controle imposto sobre a imprensa fazia com que ela trabalhasse outras formas de notícias. Um dos subterfúgios mais conhecidos para mostrar que alguma matéria foi censurada pelo governo era a publicação de receitas culinárias. Enquanto isso, temas como o futebol eram vistos com bons olhos pelo regime, já que era um assunto apolítico e que tinha grande aceitação da sociedade. Dessa forma, cresce o jornalismo esportivo nos grandes jornais do país.

A crise do petróleo, em 1973, é o marco de virada na política dos militares. No ano seguinte, o general Ernesto Geisel assume a presidência da república e tem que lidar com o momento de tensão que o país vivia. Para controlá-lo, começa uma distensão “lenta, gradual e segura”. Na segunda metade da década de 1970, a censura começa a perder sua força.

A volta da liberdade de imprensa aconteceu no contexto de abertura e refletiu o avanço desse movimento. Assim, tal como aconteceu com a abertura em geral, o retorno da liberdade de imprensa foi gradual e hesitante, um processo de avanços e recuos. O fim da censura só começa a aparecer na década de 80, com a abertura política no final do regime militar. Abertura que só se viu possível com o fim da luta armada no Brasil, que os militares combateram na década anterior.

Para que essa distensão se realizasse, era preciso recuperar o apoio da sociedade, permitindo a livre manifestação do eleitorado e da imprensa. A partir daí, a censura explícita e a autocensura foram amenizadas. Os órgãos de imprensa reconquistaram a liberdade para opinar, podendo voltar a defender a volta à democracia, da liberdade de expressão e da anistia.

O AI-5 tem sua revogação aprovada ainda no governo Geisel. Com João Batista Figueiredo, o último presidente do regime militar, foi abolida a interferência da Lei de Segurança Nacional no tocante à legislação de imprensa. A liberdade, por lei, viria com a constituição de 1988.

Mas foi somente no primeiro governo civil após 20 anos, e com a promulgação da nova Constituição, em 5 de outubro de 1988, que a imprensa recuperou suas garantias de livre expressão. A essa altura, já

estava em curso a transformação que alterou a face exibida pelos jornais e jornalistas brasileiros antes dos anos 70 (ABREU, 2002, p. 27).

O jornalismo que conhecemos hoje foi configurado e consolidado na década de 1970. Um período marcado pela modernização produtiva e a forte repressão política. Tanto a renovação dos maquinários, quanto a reforma da produção das notícias – além do surgimento da imprensa alternativa -, foram desencadeados a partir do rigor da ditadura e da resistência a ela. Na imprensa, assim como na política, essa década foi uma época rica, complexa e definidora dos caminhos que o país seguiria.

As mudanças que seguem a esse momento foram de afirmação da imprensa no país. Ao longo das transformações que em escala mundial iam alterando as configurações do mundo, o jornalismo buscou se ajustar à nova situação. Adaptações comuns para o meio jornalístico e aos meios de comunicações.

Desde que Gutemberg imprimiu a primeira bíblia com tipos móveis, no século XV, cada novo meio de comunicação de massa – ou mesmo o simples aperfeiçoamento de uma tecnologia já existente, como a passagem da preto-e-branco para a televisão colorida – cria sua própria problemática e interfere naquilo que se tinha como certo em relação aos meios já existentes (ARBEX JR., 2001, p. 30).

A década de 1990, que separa a reabertura política do país e o início do século XXI, foi um período de consolidação do sistema capitalista em que o jornalismo está hoje inserido. As mudanças da imprensa nos últimos anos convergem, invariavelmente, para esse fator econômico.

A revolução que surge com o advento de novas tecnologias é o agente transformador da imprensa nessa época. Os avanços nas áreas de telecomunicações e a difusão da informática aparecem nesse cenário como formas de economizar dinheiro pelas empresas jornalísticas.

O objetivo das empresas de comunicação, ao adotar novas tecnologias, era em última instância baratear seus custos operacionais. Essa economia futura exigia de início pesados investimentos em equipamentos, que por sua vez requeriam a imediata rentabilidade do veículo (ABREU, 2002, p. 28).

Nesse quadro, um novo elemento se tornou fundamental para os meios de comunicação: o marketing. As empresas jornalísticas, assim como diversos outros setores da indústria e comércio, passam a estudar o seu mercado consumidor. A partir das conclusões tiradas desses estudos, passam a planejar medidas estratégicas para garantir seu mercado e obter êxitos comerciais.

A introdução do marketing, e das pesquisas de mercado a ele associadas, veio tentar adequar o meio de comunicação, visto como “produto”, ao público consumidor, leitor, ouvinte ou telespectador, visto por sua vez como “cliente”. A partir das características desse público, de suas expectativas, de seus gostos e valores, passou-se a definir o conteúdo, a linguagem e a apresentação daquilo que lhe era oferecido (ABREU, 2002, p. 28-29).

A preocupação mercadológica passa a fazer com que os jornais se tornem mais atraentes e sedutores para o leitor. A pressão também é exercida pelas agências de publicidade, que querem anunciar seus clientes em publicações que chamem a atenção do público. Uma das conseqüências dessa indução foi a adoção de um número cada vez maior de páginas coloridas nos jornais de grande circulação do país.

Pesquisas junto aos leitores passam a ser um recurso essencial para os jornais definirem seus rumos, vendo para quem estão destinando o seu material e observando a sua ressonância nesse público. As pesquisas de opinião fazem uma radiografia do mercado consumidor da empresa. Através delas são apontados os gostos dos leitores, indicando quais assuntos despertam maior ou menor atenção deles. Além disso, podem servir de base para a introdução de inovações na forma de apresentação das matérias. Uma relação cada vez mais estreita entre as exigências mercadológicas e as redações.

As expectativas do público fizeram com que surgissem nos jornais cadernos sobre temas específicos (saúde, vestibular, informática, esportes, etc.) e suplementos voltados para uma parte específica do seu público (mulheres, jovens, pais, etc.).

O próprio texto jornalístico sofreu a influência do mercado. Os jornalistas foram levados a escrever textos mais curtos, escolher títulos mais sintéticos e dar uma maior atenção para o uso de imagens e recursos gráficos. A remodelação pela qual a grande maioria das publicações passam deixam-nas cada vez simples e

menos pesado os textos. Na visão de ARBEX JR. (2001, p. 36-37), essa influência é um reflexo do poder da televisão sobre o jornalismo impresso.

Enquanto a televisão propicia a “comunicação total” – recebemos texto e imagens prontos -, o texto solicita do leitor um acervo de conhecimentos com o qual ele possa compor e interpretar aquilo que está sendo narrado. Ao contrário do que acontece na relação do telespectador com a televisão, que trabalha com a velocidade, a profusão de imagens segundo um ritmo ditado pelos clips publicitários, o leitor tem um controle muito maior do tempo que poderá dedicar ao texto impresso (poderá ler tudo de uma vez, interromper a leitura e retomá-la depois, reler alguns parágrafos, anotar observações, etc.). À exceção de poucos jornais e revistas, a imprensa escrita adotou uma série de procedimentos destinados a “competir com a televisão” (textos curtos, parágrafos pequenos, letras em corpos garrafais, fotos coloridas) de tal forma que o leitor não se sinta “cansado” e possa ler da maneira mais rápida e cômoda possível. Assim, o leitor do jornal está exposto ao impacto da televisão, mesmo que não seja um telespectador (ARBEX JR., 2001, p. 36-37).

Na guerra pela conquista do leitor/consumidor, o novo modelo de jornalismo levou inclusive à introdução de recursos não-jornalísticos na imprensa. Foi assim que surgiu a política de distribuição de fascículos, brindes e sorteios, todas formas de marketing para atrair o público.

As pesquisas de opinião, hoje, se tornaram um recurso importante para a nova imprensa. São elas a forma pela qual um jornal pode conhecer seu público, saber de suas características e opiniões. Elas servem para que as empresas não fiquem de costas para o mercado, que é cada vez mais exigente. Essas questões, que hoje são tão presentes, já eram discutidas ainda nos anos 70. Tanto que um dos temas de maior destaque no Congresso Brasileiro de Jornais de 1977 foi a importância de uma aproximação cada vez maior com os leitores. Uma forma de servir como um instrumento para determinar a linha a ser seguida pelos jornais que desde lá vem sendo cada vez mais ativa e determinante no início do século XXI. A crescente importância dada aos leitores, ouvintes e telespectadores - enquanto o poder dos jornalistas diminui - são assim descritos por ABREU (2002, p. 33):

As pesquisas de mercado vieram pôr os leitores, ouvintes e telespectadores no centro da comunicação, o que determinou uma perda de poder dos jornalistas e os transformou em atores coadjuvantes. Os jornalistas, que até

pouco tempo atrás podiam ser considerados os porta-vozes da opinião pública, hoje estão cada vez mais distantes desse papel, que é desempenhado pelas pesquisas de mercado. São elas que, através da consulta permanente ao público, revelam o que ele pensa, quais os seus gostos e preferências. São essas informações que orientam a posição da mídia e dos políticos (ABREU, 2002, p. 33).

Nas empresas de comunicação, o marketing é fruto da importância cada vez maior do setor comercial. Ele é uma ferramenta para vencer a concorrência e vender mais exemplares ou ter mais assinantes. Essa relação do lado comercial com o jornalismo muitas vezes não é bem aceita pelos jornalistas. Muitos taxam essa estratégia de “ditadura do leitor” ou de “subserviência ao leitor”.

A concorrência entre jornais obrigou que eles assumissem uma postura menos política e menos ideológica sobre os fatos e notícias que reproduzem. A informação, além da sua característica informativa, tornou-se um bem econômico, uma mercadoria.

A estrutura de produção dos jornais também é outro fator que se insere nesse contexto de grandes mudanças pelas quais o jornalismo passou nas últimas décadas. Com a chegada da informática nas redações, a produção dessas empresas dá um salto em rapidez na sua execução. A maior agilidade nesse processo força um maior rigor no horário de fechamento do jornal, pressionando os jornalistas. O motivo para essa severidade é a exigência do setor comercial com a distribuição do jornal. Toda uma rede de distribuição via terrestre e aérea são dependentes de horários rígidos que não aceita atrasos.

No novo jornalismo, submetido à pressão da concorrência – que resume todos os outros tipos de pressão -, os jornalistas também são submetidos a regras explícitas, que buscam vender mais e gastar menos. Seria essa a maior eficiência no processo de trabalho o grande trunfo do jornalismo moderno, e não mais o “talento individual”.

Entretanto, essa transformação pela qual o meio jornalístico passou nos últimos anos foi através das mãos de muitos profissionais que já trabalhavam com jornalismo na década de 1970. A mudança no perfil dos jornalistas que ocupam posições estratégicas é fruto da geração que começou sua carreira nos anos 70. Os jornalistas que ocupavam posições estratégicas na época iniciaram suas carreiras

no pós-guerra, na década de 1950. Hoje, são colunistas de prestígio ou possuem cargos especiais, mas não detêm posição de direção. Entre os que têm formação superior, predomina o curso de direito. Mas há muitos outros sem formação universitária, que tiveram sua escola no próprio jornal.

No final do século XX, se populariza um novo meio de comunicação: a Internet. Reunindo elementos de todas as mídias já existentes; o texto do jornalismo impresso, o som do rádio e a imagem da televisão, ela se caracteriza pela agilidade que possui. De baixo custo, ela cresceu vertiginosamente nos últimos anos. Atualmente, todos os jornais de maior circulação possuem sites onde disponibilizam as notícias que saem impressas ou até um maior conteúdo do que no próprio jornal.

Através das páginas na rede, o jornal ganha visibilidade e se aproxima ainda mais do seu público, que com a Internet adquire um meio muito mais fácil de se comunicar com o jornal através do e-mail.

Por ser uma tecnologia tão nova, os jornalistas ainda estão se adaptando a esse meio. A informação ainda é na sua grande maioria no formato de texto, mas cada vez mais são utilizados outros meios multimídia (áudio, vídeo, entre outros). Contudo, a busca por uma linguagem própria para o novo veículo já uma grande preocupação.

2 BREVE HISTÓRICO SOBRE O JORNAL ZERO HORA

Pouco mais de um mês após o golpe militar no país, a primeira edição do jornal Zero Hora chegava às bancas. Era o dia 4 de maio de 1964. Ela sucedeu o jornal Última Hora, fundado por Samuel Wainer, defensor de Getúlio Vargas. A relação de amizade entre Wainer e Vargas fez com que o Última Hora se concretizasse. Porém, com a ascensão dos militares, o jornal foi extinto.

A crise do final do governo de Vargas se refletia no jornal de Wainer. Após o suicídio de Getúlio, em 24 de agosto de 1954, o jornal estampa em sua manchete no dia seguinte a frase “Ele cumpriu sua palavra: só morto sairei do Catete”. A tiragem de Última Hora nesse dia foi de setecentos mil exemplares. Foi o único jornal a circular no Rio de Janeiro, pois os demais foram impedidos de fazê-lo pela ação do povo.

Após a morte de Getúlio Vargas, a campanha contra Última Hora foi retomada com maior intensidade. Sempre à frente dessa campanha estava o jornalista Carlos Lacerda, opositor de Vargas e alvo de um atentado no qual um major da aeronáutica foi morto, situação que culminou com o suicídio de Vargas. Após a morte do presidente, Lacerda organiza um boicote de publicidade, que reduziu a tiragem do jornal para 12 mil exemplares. A campanha exigia o fechamento de Última Hora, acusada de ser "um dos principais órgãos da imprensa comunista".

Durante o governo de Juscelino Kubitschek, Última Hora iniciou uma fase de recuperação que, no entanto, não lhe devolveu o prestígio anterior. O jornal apoiou em todo esse período a construção de Brasília, mantendo permanentemente um repórter na nova capital. Em 1961, Última Hora possuía 1.500 funcionários e tinha uma tiragem de 350 mil exemplares em todo o país.

Durante o governo de João Goulart, Última Hora permaneceu fiel à sua tradição trabalhista, apoiando o presidente até as vésperas do movimento militar que o depôs. Com a eclosão do movimento político-militar de 31 de março de 1964, Última Hora foi apedrejada e Samuel Wainer teve seus direitos políticos cassados.

Na capital do Rio Grande do Sul, Zero Hora passou a ocupar as instalações deixadas por Última Hora. Nessas últimas décadas saltou da posição de sétimo

jornal da cidade para uns dos mais importantes do país. No seu primeiro editorial, assumia o seu compromisso com o público: “Nasce hoje um novo jornal. Autenticamente gaúcho. Democrático. Sem vínculo ou compromissos políticos. Nasce com um único objetivo: servir ao povo, defender seus direitos e reivindicações, dentro do respeito às leis e às autoridades”. Essa última frase que já marcava bem o momento pelo o qual o país começava a passar.

Embora tenha mantido inicialmente o modelo popular do jornal que o antecedeu, já no ano seguinte apresentava alterações significativas de forma e conteúdo, passando a ser impressa em oficinas próprias. Em 1965, a empresa foi reorganizada e a antiga Editora Flan S.A. teve sua razão social modificada para Empresa Jornalística Sul Riograndense S.A., que abriu seu capital a novos investidores.

A partir de 1966, o jornal passa a dar atenção especial ao setor comercial. Em 1968 já circulava em 110 municípios e empregava 200 pessoas. A mudança para as instalações na sua sede atual, na esquina das avenidas Érico Veríssimo e Ipiranga, ocorreu em 1969, ano em que o jornal ganhou impressão off-set (que possibilita a reprodução de fotos a cores), policromia (processo de impressão em mais de três cores) e um revolucionário padrão gráfico. Dessa forma, superava os seus principais concorrentes, o Correio do Povo e a Folha da Tarde.

Mas logo as tiragens caíram e o jornal começou a apresentar prejuízo. Foi nessa conjuntura que em maio de 1970, a RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações) assumiu o controle de Zero Hora.

O dono da RBS, Maurício Sirotsky Sobrinho, há anos já circulava no meio do jornalismo e comunicação. Locutor e corretor de anúncios de rádio no interior do Estado na década de 1940, ele cria seu primeiro empreendimento em 1953, a Rádio Publicidade Ltda. e um escritório de representação de emissoras. Já na Capital, em 1956, cria a Mercur Publicidade. Na mesma época adquire a Rádio Gaúcha, que daria origem a RBS.

Em 1972, funda a TV Gaúcha, que anos mais tarde passaria a se chamar RBS TV. Em 1983 a rede expande suas operações para Santa Catarina, onde também conta com jornal, rádio e televisão. O Grupo RBS hoje conta com 6 jornais, 26 emissoras de rádio, um portal de Internet, 2 emissoras locais de televisão, uma

gravadora, uma operação voltada para o segmento rural e uma empresa de logística. É uma das 18 emissoras de TV afiliadas à Rede Globo e trata-se da maior rede regional de TV da América Latina. A Rede Gaúcha Sat de rádio, com 123 emissoras afiliadas é hoje distribuída em dez estados brasileiros.

A nova administração de Zero Hora, presidida por Maurício Sirotsky Sobrinho, decidiu fabricar um produto economicamente viável e adequado às exigências e condições do mercado leitor. Promoveu a reformulação da linha editorial e novos métodos de gestão administrativa. O jornal abandonava definitivamente a linha herdada de Última Hora.

Zero Hora ampliou o noticiário político e criou uma editoria de economia voltada para o leitor não-especializado. As reportagens ganharam mais espaço, a seção de editoriais foi consolidada, as áreas de esporte, polícia e lazer também foram mais valorizadas com a utilização de novos recursos gráficos.

A reformulação editorial, somada à redução dos custos de administração e produção, possibilitou o equilíbrio orçamentário já em 1972. Neste ano, a linotipia cedeu lugar à fotocomposição eletrônica, e novos equipamentos deram mais agilidade no parque gráfico. Em 1975, circulando em 232 municípios, o jornal foi reconhecido pelo Instituto Marplan como o de maior venda avulsa no Estado. Com 42 anos de circulação, Zero Hora é hoje o maior tablóide (jornal tem tamanho menor do que os chamados standard) do país e um dos principais jornais do Brasil. No mercado gaúcho, possui 2.053.000 leitores segundo o Ibope¹, sendo o jornal mais lido do Estado.

¹ www.ibope.com.br

3 HISTÓRIA DAS COPAS DO MUNDO

A Copa do Mundo é o maior evento do esporte mais popular do mundo. Sua proporção só é similar aos Jogos Olímpicos. Até hoje já foram realizadas 17 Copas, em 15 países, de três continentes diferentes. Centenas de milhões de pessoas já acompanharam a competição através da televisão, rádio, jornais e – mais recentemente – pela Internet.

Setenta nações disputaram a Copa desde a sua primeira edição, no Uruguai, em 1930. Algumas mudaram de nome, outras nem existem mais. Hoje, a Fifa - organizadora do torneio - possui mais filiados do que a própria ONU (Organização das Nações Unidas).

Tudo começou com o sonho e a dedicação do francês Jules Rimet em organizar um torneio envolvendo seleções de vários países. O primeiro troféu, que levava o nome do idealizador, teve sua posse definitiva conquistado pelo Brasil. A nova taça, de posse transitória, chama-se simplesmente "Copa Fifa".

Em 2006, a Alemanha receberá a 18ª Copa da história em momento diferente de quando recebeu o torneio pela primeira vez, em 1974. À época, o país era dividido pela Guerra Fria em Ocidental e Oriental. A edição de 2010 da Copa também já tem sua sede definida. Pela primeira vez, o continente africano receberá a competição, mais especificamente a África do Sul.

Sua primeira edição foi em 1930, no Uruguai. Foi a única copa a não contar com uma fase classificatória. A Fifa convidou todos os seus 46 países filiados a participar do campeonato. A maioria dos países europeus resolveram não participar. Somente com o empenho do presidente da entidade na época, Jules Rimet, França, Bélgica, Romênia e Iugoslávia confirmaram sua participação. No Brasil, a disputa política entre a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e a Apea (Associação Paulista de Esportes Atléticos), fez com que apenas jogadores cariocas formassem a seleção. Na competição, o Uruguai (campeão olímpico em 1924 e 1928) foi o campeão. Pelo esforço de Jules Rimet, anos mais tarde a taça de campeão levaria o seu nome.

Quatro anos mais tarde, a Itália recebeu o evento. O ditador italiano, Benito Mussolini, viu na Copa uma oportunidade para demonstrar a força do seu país.

Sendo na Europa, os países do continente mostraram maior interesse, representando 12 dos 16 participantes. No Brasil, o confronto se dava agora entre a recém criada FBF (Federação Brasileira de Futebol), que defendia o profissionalismo, e a CBD, que ainda considerava o futebol um esporte amador. Contando com atletas profissionais, os melhores jogadores brasileiros estavam filiados à FBF, mas como a Fifa reconhecia apenas a CBD, a seleção brasileira foi formada pelos amadores. Essa foi a pior participação do Brasil em Copas do Mundo, terminando em 14º lugar. Foi apenas um jogo, uma derrota por 3 a 1 para os espanhóis. Jogando em casa, a Itália foi a campeã.

Às vésperas da II Guerra Mundial, a Copa do Mundo de 1938 já sentia os reflexos do momento de tensão que a Europa enfrentava. A Espanha, que enfrentava sua Guerra Civil, não participou nem das eliminatórias. A Áustria havia se classificado para a competição, mas como foi anexada pela Alemanha de Hitler poucos meses antes da Copa, teve que ceder sua vaga, além de oito jogadores para a seleção alemã. Com o fim das brigas entre amadores e profissionais no Brasil, finalmente o país era representado pelos seus melhores jogadores, entre eles, Leônidas da Silva, o primeiro brasileiro artilheiro de uma copa (com 8 gols). Perdendo nas semifinais para a seleção italiana (que se tornaria a primeira bicampeã do mundo), o Brasil acabaria em 3º.

Em virtude da Segunda Guerra Mundial, as copas previstas para os anos de 1942 e 1946 não puderam acontecer. Terminado o conflito, a Fifa escolhe o Brasil como sede do próximo campeonato, já que o país era o único disposto a sediar a competição. Outra decisão tomada pela Fifa foi a expulsão da Alemanha e do Japão do seu quadro, também em virtude da guerra. No total, 32 países se inscreveram para participar das eliminatórias, que classificaria 16 equipes para o mundial. Países do bloco comunistas (União Soviética, Hungria, Polônia e Tchecoslováquia) optaram por não participar. Durante as eliminatórias, oito países desistiram da competição. Escócia e Turquia, que até haviam se classificado, também resolveram não participar da copa. Em campo, o Brasil chegou fácil na fase final. Com goleadas por 7x1 e 6x1 sobre Suécia e Espanha, respectivamente, bastava um empate no último jogo – contra o Uruguai – para o Brasil ser campeão. Os brasileiros ainda saíram ganhando, mas acabaram sofrendo dois gols, para a tristeza de um público superior a 170 mil pessoas que lotaram o Maracanã.

A Copa de 1954 é, até hoje, a de maior média de gols por partida. Foram 140 gols em 26 jogos, média de 5,37. Um dos times que mais colaborou para o marco foi a Hungria, considerada o melhor time da época, com goleadas de 9 a 0 contra a Coreia do Sul e 8 a 3 contra os alemães. Também foi nesse mundial a partida com o maior número de gols de toda a história da competição: Áustria 7 x 5 Suíça. O Brasil começou bem o campeonato, com uma vitória de 5 a 0 contra os mexicanos. O empate na partida seguinte, 1 a 1 contra a Iugoslávia, classificou os brasileiros para a fase seguinte, quando acabou enfrentando a favorita ao título – a Hungria – e perdeu por 4 a 2 (num jogo que acabou em briga entre jogadores e comissões técnica dos dois países). A grande diferença dos húngaros para os demais times era a excelente preparação física do time. A novidade da seleção brasileira na Copa foi o seu uniforme, depois de quase quarenta anos usando como titular a camisa branca (que após a Copa de 1950, muitos achavam que dava azar), a CBD adota a distribuição de cores que permanece até hoje: camisa amarela e calções azuis. A final da Copa foi entre dois times que já haviam se enfrentado na competição, Hungria e Alemanha. Mas ao contrário do primeiro confronto (goleada húngara), na decisão do mundial os alemães foram os campeões. Após sair perdendo por 2 a 0, a Alemanha virou o placar para 3 a 2. No primeiro mundial que o país conseguiu participar depois da guerra, os alemães ganharam seu primeiro título.

Em 1958 a Fifa já contava com 95 países filiados, desses, 51 se inscreveram para as eliminatórias. A surpresa foi a não classificação dos dois bicampeões mundiais naquele momento, Uruguai e Itália. Esta copa foi a primeira transmitida pela televisão, ao vivo para os suecos e em videoteipe para o resto do mundo. Pela primeira vez um país ganhava o campeonato fora do seu continente. O Brasil conquistou sua primeira Copa do Mundo e, com 17 anos, Pelé era revelado para o mundo. Com seis gols ele foi o artilheiro brasileiro e vice da copa, que teve como goleador o francês Just Fontaine, com 13 gols (maior artilheiro de uma única edição). Outros grandes nomes do Brasil naquela copa foram Garrincha e Didi.

Escolhido seis anos antes para ser a sede da Copa de 1962, o Chile sofreu dois graves terremotos dois anos antes da competição. Ocorridos em 21 e 22 de maio de 1960, eles deixaram mais de cinco mil mortos e cerca de 25% da população (por volta de 2 milhões de pessoas) desabrigadas. Um dos terremotos é até hoje o mais forte do mundo no século XX, atingindo a marca de 8,5 pontos na escala

Richter. A Fifa cogitou mudar o local da competição. Mas os organizadores chilenos, sob o tema “Ya que nada tenemos, lo haremos todo” (“Já que nada temos, tudo faremos”), foram de grande esforço para garantir a copa no país, que mesmo antes dos acontecidos, já não era bem-vista pelos europeus. A exemplo das copas de 1930, 1950 e 1958, apenas seleções da América e Europa garantiram vagas na competição. Os raros africanos (o Egito em 1934) e asiáticos (Índias Ocidentais Holandesas, em 1938, e Coréia do Sul, em 1954) ficaram mais uma vez de fora. Na Copa, mesmo com Pelé desfalcando o time após a segunda partida – por lesão –, o Brasil igualaria as marcas de Itália e Uruguai, os dois bi-campeões até o momento. Garrincha foi o grande destaque da seleção brasileira na Copa, com quatro gols marcados na competição.

Inventores do futebol moderno, os ingleses demoraram a reconhecer a legitimidade do campeonato promovido pela Fifa, tanto que disputaram sua primeira Copa somente em 1950. Mas em 1966, sua obsessão não era apenas sediar o campeonato, mas sim, ganhá-lo. Para isso, se prepararam por três anos, sob o comando do técnico Alf Ramsey. Porém, a grande lembrança do título inglês é o polêmico lance do seu terceiro gol na final, contra a Alemanha. O inglês Hurst chutou uma bola que bateu no travessão e no chão, mas não entrou, mesmo assim o gol foi validado. A Inglaterra acabaria marcando um quarto gol, finalizando o placar em 4 a 2. O Brasil, vindo de duas conquistas seguidas não passou da primeira fase. Pelé, mais uma vez jogando machucado, desfalcava o time. Os brasileiros venceram o primeiro jogo (2 a 0 contra a Bulgária), mas perderam os outros dois (para a Hungria – 3 a 1 – e para Portugal – também 3 a 1). O Brasil não perdia um jogo de Copa desde 1954. Pelé e Garrincha, que atuando juntos nunca perderam uma partida de copa, nunca mais jogaram juntos. Outra surpresa da competição foi a eliminação da Itália para a Coréia do Norte, por 1 a 0. No jogo seguinte, nas quartas-de-final, os norte-coreanos chegaram a abrir uma vantagem de 3 a 0 sobre os portugueses nos primeiros 25 minutos de jogo, mas Portugal conseguiu reverter o placar para 5 a 3, com quatro gols de Eusébio, considerado o melhor jogador português até hoje.

Em 1970 chegaram às semifinais quatro países campeões do mundo: Brasil, Uruguai, Itália e Alemanha. O outro campeão que ficou de fora foi justamente o atual, a Inglaterra, de quem o Brasil já havia ganhado na primeira fase. O Brasil acabou se sagrando o primeiro tri-campeão do mundo com uma campanha

irretocável, seis jogos e seis vitórias. Além de Pelé, outros grandes nomes do futebol brasileiro estrelavam a seleção, como Tostão, Rivelino, Gérson, Carlos Alberto e Jairzinho.

Como em 1954, uma seleção sem título mundial revolucionou o futebol em 1974. A Holanda – comandada do banco por Rinus Michel e em campo por Johan Cruyff – inovou a distribuir seus jogadores em campo sem posições definidas, ocupando mais espaços e confundindo os adversários. Favorita ao título, o time holandês ficou conhecido como “Laranja Mecânica” e também como “Carrossel Holandês”. Assim como em 1954, a Alemanha superou os favoritos, e foi a campeã, de novo com uma virada na final, 2 a 1. Nesse ano, a Fifa passou a oferecer uma outra taça ao país campeão, já que a Jules Rimet havia sido conquistada por definitivo pelos brasileiros pelo seu tricampeonato em 1970. A Copa de 1974 aconteceu dois anos após os alemães ter sido sede das olimpíadas (Munique – 1972), evento que ficou marcado pelo atentado terrorista contra atletas da delegação israelense. Assim, a competição contou com um cuidado especial para a segurança inédito para a época. As eliminatórias apresentaram algumas surpresas entre os países classificados: Zaire (pela África), Haiti (pela América Central) e Austrália (pela Oceania). A seleção brasileira já não contava mais com jogadores que se destacaram em 1970, como Tostão, Gérson e – principalmente – Pelé. A estréia do Brasil, um 0 a 0 contra a Iugoslávia, foi o primeiro jogo de Copa do Mundo transmitido a cores para o país. Tecnologia ainda muito recente e que foi captada por raros aparelhos coloridos que existiam na época. Os brasileiros acabaram sendo desclassificados nas quartas-de-final, após uma derrota para os holandeses por 2 a 0.

Depois de se candidatar à sede da competição por repetidas vezes, em 1978 chegara a vez da Argentina receber a Copa do Mundo. Na época, o país era governado sob o regime militar do general Jorge Rafael Videla. A novidade da competição foi a realização de jogos à noite, para atender aos interesses das televisões européias. Em campo, os argentinos encontraram dificuldades para passar para a segunda fase, terminado atrás da Itália no seu grupo. Nas quartas-de-final, Argentina e Brasil se encontraram em um dos grupos que classificaria o primeiro colocado para a final. Completavam o grupo Peru e Polônia. Depois de uma vitória sobre os peruanos, Brasil e Argentina empataram em 0 a 0. Como os

brasileiros ganharam o jogo seguinte, 3 a 1 contra a Polônia, a Argentina – jogando após o jogo do Brasil - se viu obrigada a ganhar por uma diferença de quatro gols. Apresentando um bom futebol na época, o Peru estranhamente ofereceu pouca resistência aos argentinos, que ganharam a partida por 6 a 0. Muitas suspeitas caem sobre essa partida: com uma conversa no vestiário do general Videla com os jogadores peruanos, o fato do goleiro do Peru ter nascido na Argentina, e até um suposto pagamento de 50 mil dólares para alguns atletas peruanos. Assim, a Argentina terminou em primeiro no grupo e garantiu vaga na final, contra os holandeses. Ao Brasil, invicto, porém desclassificado, restou o título de “campeão moral”, expressão criada pelo técnico brasileiro Cláudio Coutinho. Na sua segunda final consecutiva, os holandeses empataram o jogo em 1 a 1 e levaram o jogo para a prorrogação, quando os argentinos conseguiram marcar duas vezes e ganharam seu primeiro mundial.

A Copa de 1982 teve um grande aumento no número de países participantes, de 16 para 24 equipes. Assim, países de futebol ainda em desenvolvimento tiveram acesso facilitado ao mundial. Pela primeira vez, países dos cinco continentes participam da Copa: 14 da Europa, seis das Américas, dois africanos, um asiático, e um da Oceania. Em campo, o Brasil era o favorito, com um time repleto de grandes nomes como Falcão, Sócrates e Zico, comandados por Telê Santana. Os brasileiros chegaram na segunda fase da competição apresentando o futebol mais bonito da Copa. Seus adversários eram a Argentina e Itália. Contra os argentinos, uma vitória do Brasil por 3 a 1 na primeira Copa de Maradona. No segundo jogo, um empate garantia a vaga brasileira nas semifinais. Para os desacreditados italianos, só a vitória poderia lhes dar a vaga. Quando se esperava que brilhasse a estrela de um dos craques brasileiros, o grande personagem do jogo foi Paolo Rossi. O protagonista da decepção brasileira estava em péssima situação com a justiça italiana depois de envolvimento com a loteria esportiva, sendo suspenso por duas temporadas em 1980, voltando a jogar pouco antes da Copa. Na fase seguinte, contra a Polônia, mais uma grande atuação de Rossi, que com dois gols, classificava a Itália para a final contra a Alemanha Ocidental. Na final, pela primeira vez apitada por um brasileiro – Arnaldo Cezar Coelho -, a Itália venceu por 3 a 1. Com 44 anos desde a sua primeira conquista – em 1938, esse é o maior intervalo de tempo entre dois títulos de um país até hoje.

A Copa de 1986 poderia ser resumida ao nome do argentino Diego Armando Maradona. Em meio a um time mediano, ele foi o grande destaque da competição. Sua habilidade era tamanha que, em um mesmo jogo, ele se tornou o personagem de dois momentos históricos das Copas. Contra a Inglaterra, nas quartas-de-final, ele marcou dois gols antológicos. O primeiro é marcado com a mão, segundo Maradona: “Com a mão de Deus”. O segundo, ele recebe a bola antes da linha do meio do campo e avança rumo ao gol passando por cinco ingleses, incluindo o goleiro.

Oito anos antes da Copa, havia sido decidido que o mundial seria na Colômbia. No entanto, o país apresentava precárias condições econômicas e de segurança que fizeram com que, em 1982, o país renunciasse ser sede da competição. Vários países, entre eles o Brasil, se candidataram para sediar o campeonato, com a escolha sendo – pela segunda vez – o México. Era a primeira vez que um país recebia a Copa em duas oportunidades (fato que ocorreu novamente com a França, 1938 e 1998; a Itália, 1934 e 1990; e a Alemanha, 1974 e 2006). O Brasil acabou sendo eliminado nos pênaltis, nas quartas-de-final, contra os franceses.

Em 1990, o futebol na Itália era o mais rico e organizado do mundo na época. Foi uma Copa muito bem organizada, mas fraca em emoções, o título ficou com a Alemanha Ocidental, equipe à imagem e semelhança daquela competição. Uma das surpresas do campeonato foi Camarões. Derrotando na estréia a atual campeã do mundo – a Argentina, eles chegaram até as quartas-de-final, melhor colocação de um africano até hoje. Ainda muito dependente de Maradona, os argentinos chegaram a final novamente contra os alemães. Na sua trajetória até lá, a Argentina eliminou os brasileiros nas oitavas-de-final. Pela primeira vez, dois times se enfrentavam em duas finais seguidas. Aliás, desde 1974, sempre um ou outro desses dois países estavam presentes decisão. Mas, ao contrário de 1986, foram os alemães que ganharam o jogo e o mundial. Campeão como jogador (em 1974) e como técnico, o alemão Franz Beckenbauer igualava o feito do brasileiro Zagallo (campeão como jogador, em 1958, e como técnico, em 1970).

Os Estados Unidos receberam o mundial de 1994. Porém, pesquisas de opinião pouco antes da Copa mostravam que apenas um em cada quatro americano sabia que tipo de esporte se praticava na competição que o país recebia. Outra

pesquisa revelava ainda que a maioria da população local nem sequer sabia que os Estados Unidos eram sede da Copa. Mesmo assim, a Fifa bancou a realização do evento em um país que nem possuía uma liga profissional de futebol. Nas eliminatórias, o Brasil chegou a ficar ameaçado de não se classificar para a Copa, depois da derrota por 2 a 0, para a Bolívia – em La Paz. Era a primeira derrota brasileira em eliminatórias. Na competição, mais uma vez a Argentina dependia de Maradona. Ele marcaria seu último gol em Copas na estréia da equipe em 1994, contra os gregos. O próximo jogo seria também seu último. Após a vitória por 2 a 1 contra a Nigéria, Maradona foi pego no exame antidoping, e acabou suspenso da competição. Naquele dia, ele havia feito sua 21ª partida em mundiais, que – ao lado do alemão Seeler e do polonês Zmuda – só fica atrás do alemão Matthäus em número de jogos em Copas (que completou 25 jogos em 1998). O Brasil, que tinha como grande destaque o atacante Romário, chegou até a final contra a Itália. Mas ao contrário de 1970, quando os dois países fizeram cinco gols na decisão (4 a 1 para o Brasil), o jogo acabaria em um inédito 0 a 0 em finais. Assim, pela primeira vez o título seria decidido nos pênaltis. Com uma defesa do goleiro brasileiro Taffarel e dois chutes por cima do travessão, o Brasil conquistava o seu tetracampeonato.

Cumprindo sua política expansionista, a Fifa aumentou mais uma vez o número de participantes, passando a contar agora com 32 seleções na Copa de 1998. Uma das mudanças de regras mais radical apresentada na competição foi a morte súbita, ou golden goal, que significava que quem marcasse o primeiro gol na prorrogação ganhasse o jogo. E a novidade teve sua primeira experiência justamente com os donos da casa. Depois de um empate em 0 a 0 no tempo normal, França e Paraguai decidiram na prorrogação a vaga para a próxima fase. Depois de se defender por 113 minutos, o Paraguai foi desclassificado após um gol do zagueiro francês Blanc. O Brasil, mesmo favorito, tinha um time desequilibrado. Ao mesmo tempo em que Ronaldo e Rivaldo resolviam os jogos no ataque, a defesa apresentava falhas, tanto que foi a pior da competição, sofrendo dez gols. Mesmo com os problemas, os brasileiros chegaram a final do mundial, quando enfrentaram os franceses. O dia da final é – até hoje – envolto em mistério para os brasileiros. O atacante Ronaldo teria sofrido uma convulsão pouco depois do almoço, mas mesmo assim à noite jogou a partida final. Superado pelos franceses, o Brasil perdeu a sua

segunda decisão de Copa. Com um expressivo 3 a 0 a França era campeã mundial em casa.

Coréia do Sul e Japão realizaram, em 2002, a primeira Copa do Mundo fora da Europa ou América. Também pela primeira vez, dois países organizaram a competição em conjunto. Todos os sete campeões do mundo participaram dessa Copa. Com a eliminação de grandes favoritos ao título (como França e Argentina) ainda na primeira fase, o Brasil chegou a sua terceira final consecutiva. Sua adversária era a Alemanha, que – como o Brasil – fazia a sua sétima decisão, sendo os países que mais vezes chegaram à final. Entretanto, foi o primeiro jogo entre as duas equipes em Copa. Na decisão, os dois gols de Ronaldo deram o quinto mundial para o Brasil.

3.1 MÉXICO 1970

Pouca antes de começar as Olimpíadas de 1964, em Tóquio, a Fifa realizou uma votação para decidir a sede do Mundial de seis anos mais tarde. Em votação aberta, 95 dos 135 países filiados à federação deveriam escolher entre os dois candidatos: Argentina ou México.

Para garantir o direito de ser o país-sede da competição, os mexicanos tiveram que superar um forte argumento contra a sua candidatura: a falta de oxigênio nos 2.240 metros de altitude da Cidade do México. Para isso, tiveram que provar que o ar rarefeito - na verdade - faz com que os atletas corram mais. O único inconveniente era que os jogadores teriam que chegar ao país com pelo menos 20 dias de antecedência. A explicação ganhou a confiança dos países presentes na reunião, que com 52 votos escolheram o México como sede da Copa de 1970.

À exceção do México (país-sede) e da Inglaterra (atual campeã), os outros 14 países tiveram que garantir sua vaga nas eliminatórias. Na Europa, 29 países disputaram oito vagas. A América do Sul teve direito a três vagas para dez países. Na África, pela primeira vez o continente passou a ter direito a uma vaga reservada para o continente, que foi concorrida por 11 países. Doze países das Américas do

Norte e Central disputaram uma vaga. Ásia e Oceania (mais Israel) também tinham direito a uma vaga, para sete países.

Depois do fracasso que foi a campanha brasileira em 1966, na Inglaterra, a seleção passou por uma fase de transição. Em março de 1969 assume o comando da seleção o jornalista esportivo João Saldanha. Depois de muita instabilidade, o país consegue uma arrancada de 13 vitórias consecutivas. Com a classificação do país para o Mundial do México, a popularidade de Saldanha com o povo era grande. Porém, entre seus admiradores não incluíam os militares, que estavam no comando do país. Por supostos envolvimento com o Partido Comunista e até um desentendimento com o presidente Médici sobre a escalação (que teria um apreço pelo atacante Dadá, do Atlético Mineiro), em março de 1970 – a 75 dias da Copa - Saldanha foi demitido. Ou, oficialmente, a comissão técnica foi “dissolvida”.

A Confederação Brasileira de Desportos (CBD), no dia seguinte nomeia Mario Jorge Lobo Zagalo para ser o novo técnico do país. Outra mudança foi a inclusão de militares na comissão técnica. Quem chefiou a delegação brasileira foi o brigadeiro Jerônimo Bastos, secretariado pelo major Roberto Guarany, entre outros. Segundo a medida foi tomada visando os frutos que a conquista poderia oferecer ao regime.

Médici podia até ser fanático por futebol, mas tinha plena noção do efeito benéfico que o tricampeonato traria para o governo. Por isso, a seleção foi militarizada. Essa providência resultou em duas coisas que são o beabá do Exército, mas que vinham faltando ao futebol brasileiro: disciplina e organização (GEHRINGER, 2006, p. 22).

Aproveitando o momento, o governo federal instituiu a loteria esportiva. Em fase de testes e apenas no Rio de Janeiro, ele garantia a quem acertasse os 13 pontos uma pequena fortuna de 1 milhão de cruzeiros novos. Além disso, havia grande euforia entre os torcedores porque, finalmente, seria possível ver uma Copa ao vivo pela TV, via Embratel (empresa de telecomunicações estatal brasileira, criada cinco anos antes). Porém apenas algumas cidades do Sul e Sudeste (além de Brasília) puderam captar o sinal. Outra novidade era o replay instantâneo. Além disso, a Copa foi transmitida a cores. Porém, apenas dois televisores – instalados nas sedes da Embratel do Rio de Janeiro e São Paulo – eram coloridos.

O sistema de disputa foi idêntico ao da Copa anterior: quatro grupos com quatro equipes que se enfrentavam entre si, os dois primeiros avançavam para as quartas-de-final, a partir de onde, passavam a ser jogos eliminatórios. As novidades foram a adoção dos cartões amarelo e vermelho (como advertência e expulsão do jogo, respectivamente) e a possibilidade de substituições de jogadores durante a partida.

Somente no jogo de despedida da seleção do país, Zagalo escalou a equipe que seria a titular no México: Félix; Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo e Gérson; Jairzinho, Tostão, Rivellino e Pelé. Na Copa, o Brasil ficou no Grupo III, junto com Inglaterra, Romênia e Tchecoslováquia.

No dia 3 de junho, o Brasil estreava na Copa contra a Tchecoslováquia. No país uma audiência recorde assistia ao jogo. Os brasileiros saem perdendo, mas ainda no primeiro tempo conseguem o empate. Com três gols na segunda etapa o Brasil assegura a primeira vitória de sua campanha.

A segunda partida seria contra os atuais campeões do mundo, os ingleses. O gol brasileiro que deu a vitória ao país saiu de uma bela jogada que passou por Tostão, Pelé e terminou com um chute forte de Jairzinho. Foi a única partida que o Brasil não sofreu gols na Copa. Na última partida da primeira fase, os brasileiros ganharam por 3 a 2 dos romenos.

Na fase seguinte, o Brasil enfrentaria um ídolo seu. Didi, bicampeão do mundo em 1958 e 1962, era o treinador da seleção peruana. Num jogo aberto, o Brasil fez 4 a 2 no Peru e se classificou para as semifinais, quando encontrou outra seleção sul-americana no seu caminho o Uruguai.

É inegável a comparação do jogo entre Brasil e Uruguai em 1970 com da decisão da Copa de 1950. Vinte anos depois de perder de virada o mundial em casa, foi a vez de os brasileiros se vingarem dos uruguaios. Perdendo por 1 a 0, dessa vez foi o Brasil quem reverteu o placar, com gols de Clodoaldo, Jairzinho e Rivelino. Mesmo sem marcar, dois lances de Pelé entraram para a história, talvez por justamente não terminarem em gol. O primeiro lance é um tiro de meta uruguaio que Pelé chuta de primeira da intermediária, no susto, o goleiro do Uruguai – Mazurkiewicz – consegue agarrar a bola. O outro lance também demonstra toda a habilidade de camisa 10 do Brasil: num lançamento de Tostão, Mazurkiewicz sai do

gol e Pelé – sem encostar na bola – dá um drible de corpo no goleiro, mas, desequilibrado, chuta para fora. Outro “quase gol” de Pelé no mundial que ficou marcado foi um chute da linha do meio de campo contra a Tchecoslováquia, no qual a bola passa rente à trave.

Os quatro campeões mundiais até o momento haviam chegado nas semifinais da competição. Enquanto Brasil e Uruguai se enfrentavam em uma chave, Itália e Alemanha Ocidental fizeram um jogo que – ao lados das partidas brasileiras – é um dos mais lembrados do Mundial. Depois de um magro 1 a 1 no tempo normal, a prorrogação reservava muitas emoções. Um dos principais jogadores da Alemanha, Beckenbauer deslocou o ombro durante a partida e, mesmo assim, jogou até o final da prorrogação com o braço imobilizado. Depois de buscar o empate no tempo normal, os alemães saíram na frente no prolongamento da partida. A Itália consegue marcar duas vezes, e o primeiro tempo da prorrogação acaba 3 a 2 para os italianos. No começo do segundo tempo um novo empate alemão, que durou pouco tempo. Na saída de bola, a Itália define o placar final em 4 a 3.

Além de todas as emoções que cercam uma final de Copa do Mundo, a de 1970 tinha um diferencial: o vencedor ficaria de forma definitiva com a taça Jules Rimet, direito dado a quem a conquistasse três vezes, que era o caso de Brasil (bicampeão em 1958 e 1962) e Itália (bicampeã em 1934 e 1938). No mundo inteiro, cerca de 700 milhões de pessoas assistiram pela televisão a partida. Foi uma repetição da audiência recorde registrada um ano antes, quando o americano Neil Armstrong pisou na Lua.

Após abrir o placar com Pelé o Brasil era superior em campo. Mas numa falha da defesa os italianos conseguiram o empate antes do intervalo. No segundo tempo o Brasil continuou atacando, enquanto a Itália só arriscava em raros contra-ataques. Na metade da etapa final o Brasil conseguiu definir a partida com dois gols em um intervalo de apenas três minutos, com Gérson e Jairzinho (que marcou em todos os jogos da Copa). Uma grande jogada brasileira, que começa com Clodoaldo no meio de campo e termina com o lateral Carlos Alberto chutar forte para marcar, após receber um passe preciso de Pelé, 4 a 1.

A imprensa bem que tentou não misturar a conquista do tricampeonato com a situação política nacional, mas a ditadura militar aproveitou-se muito bem da vitória obtida pela seleção no México. Como relata GEHRINGER (2006, p. 46):

Brasília, 23 de junho, terça-feira, 11 horas da manhã. A seleção foi recebida pelo presidente Médici e pelos militares. O presidente abraçou os jogadores, um a um, perante a multidão reunida em frente ao Palácio do Planalto. (...) Boa parte da imprensa brasileira tentou evitar que o sucesso da seleção fosse usado politicamente. Tão logo os jogadores deixaram o Planalto, as notícias passaram a separar o futebol do poder. Mas o governo tinha os próprios meios para aproveitar a euforia popular e os utilizou, com campanhas pagas nos meios de comunicação. Hoje é mais fácil entender que a ditadura não apenas se beneficiou com o tri, mas teve uma participação importante na conquista dele, influenciando no planejamento, na organização, na disciplina e na preparação física da Seleção (GEHRINGER, 2006, p. 46).

No ano seguinte, Pelé se despediu da seleção, em um amistoso com a Iugoslávia no Maracanã. Sua saída encerrou uma fase longa e brilhante da seleção brasileira: na geração de Pelé, o Brasil disputou quatro Copas do Mundo e venceu três. Sem ele, o país ficaria 24 anos sem, nem ao menos, chegar uma final. Até que em 1994 o país volta ao topo, com o tetra nos Estados Unidos. Conquista que foi seguida de um vice-campeonato em 1998, na França, e o pentacampeonato, na Ásia.

3.2 JAPÃO E CORÉIA DO SUL – 2002

Uma das prioridades da Fifa a partir do final dos anos 90 foi a de popularizar o futebol em grandes mercados. Com essa mentalidade, decidiu levar a Copa do Mundo para os Estados Unidos (em 1994) e agora escolhia a Ásia para sediar o evento. Coréia do Sul e Japão realizaram em 2002 a primeira Copa do Mundo fora da Europa ou da América. Também pela primeira vez dois países foram sede do evento.

Desde o início da década de 1990 os dois países desejavam sediar, sozinhos, a competição. Os coreanos já contavam com a estrutura montada para as

Olimpíadas de 1988, em Seul. Os japoneses tinham ao seu favor a crescente popularidade do futebol, que havia se profissionalizado somente em 1993. A decisão de apontar um em detrimento do outro caberia inicialmente à Fifa, na reunião do seu Comitê Executivo, em maio de 1996. No entanto, os dois países acabaram sendo apontados como sendo sedes da primeira Copa do Mundo do século XXI.

Enquanto os dois países tentavam viabilizar a organização da Copa, os demais buscavam uma vaga no torneio. Foram 194 países disputando 29 vagas para o mundial, França atual campeã, Japão e Coreia (países-sede) estavam automaticamente classificadas. Países de tradição na competição, como a Holanda, acabaram não se classificando para a copa. Outros, como o Brasil, passaram por dificuldades para garantir sua vaga.

Fatores extracampo também criavam um clima de instabilidade em torno da seleção brasileira. Um grande polêmica naquele momento foi a CPI CBF-Nike, da Câmara dos Deputados, que tentou descobrir os detalhes do contrato entre a distribuidora de material esportivo e a confederação.

Após o vice-campeonato na França, em 1998, o a seleção brasileira foi para a sua 17ª participação em Copas do Mundo desacreditada. Os favoritos ao título eram, principalmente, a França e a Argentina. Os motivos para a falta de confiança dos brasileiros em sua seleção foi o fraco rendimento da equipe nos anos anteriores à Copa do Mundo. Se até aquele momento o Brasil havia perdido apenas uma partida de eliminatórias (para a Bolívia, em 1993), nas classificatórias para a Copa de 2002 o país perdeu seis jogos (para o Paraguai, Chile, Equador, Uruguai, Argentina e Bolívia). Com esses resultados, a seleção chegou a ser ameaçada de perder a sua vaga no mundial, garantindo sua participação apenas na última partida. Nas eliminatórias sul-americanas para a Copa, disputada por pontos corridos, os quatro primeiros colocados asseguravam vagas para o mundial, o quinto disputaria uma vaga contra o primeiro colocado da Oceania. O Brasil acabou terminando a disputa em 4º lugar; atrás de Argentina, Paraguai e Equador. A instabilidade da seleção se refletiu em seu comando técnico. O Brasil teve três treinadores durante o período de 1998 e 2002.

Dois meses após o mundial da França, Zagallo deixa o comando da seleção para Wanderley Luxemburgo. Mesmo o título da Copa América de 1999, no

Paraguai, não foi suficiente para manter o técnico à frente da seleção, principalmente após a eliminação do Brasil para Camarões, nas Olimpíadas de Sydney (2000). Quem o substituiu foi Émerson Leão, que assumiu o cargo de treinador da seleção brasileira prometendo um “futebol bailarino”, expressão usada pelo próprio treinador para explicar como o Brasil jogaria a seu comando. Em jogos oficiais, foram oito partidas: apenas duas vitórias, três empates e três derrotas. A última delas, contra a Austrália – na Copa das Federações de 2001 –, acabou com a sua demissão do cargo. O terceiro técnico do país nas eliminatórias foi Luiz Felipe Scolari, que já era o preferido da direção da CBF quando Leão assumiu a seleção, mas na época não aceitou o convite.

Mesmo com um novo técnico, o Brasil não apresentou um melhor futebol. Na primeira partida com Scolari de técnico, a seleção foi derrotada pelo Uruguai, em Montevideu. Logo a seguir começou a Copa América, na qual o país foi desclassificado perdendo para a fraca seleção de Honduras. Depois da competição ainda ocorreram mais cinco jogos das eliminatórias. O Brasil perdeu mais duas vezes (para Argentina e Bolívia) e garantiu sua vaga apenas na última rodada.

Um das marcas do mundial de 2002 foi a queda dos favoritos. Uma das equipes considerada favorita ao título era a França, atual campeã do mundo e que – dois anos antes – havia conquistado o título europeu também. Sem seu principal jogador, Zidane, os franceses fizeram o jogo de abertura do campeonato, contra o Senegal, que fazia sua estréia em Copas do Mundo. E as surpresas já começaram logo na primeira partida, quando os senegaleses venceram os franceses por 1 a 0. Assim como na Copa de 1990, uma equipe africana derrotava os atuais campeões no mundo no seu primeiro jogo. Naquele ano foram Camarões que venceram a Argentina. A diferença entre as duas vitórias africanas foi que, em 90, mesmo começando perdendo a competição, a Argentina conseguiu chegar na final. Em 2002, a França acabou sendo desclassificada ainda na primeira fase. Não conseguindo marcar nenhum gol em toda a competição. Seus outros jogos foram um 0 a 0 contra o Uruguai e uma derrota por 2 a 0 para a Dinamarca.

A Argentina foi outra seleção que chegou à Ásia cotada a ganhar sua terceira Copa. Primeira colocada nas eliminatórias sul-americanas, seu destino seria similar ao dos franceses. O grupo no qual estava ficou conhecido com o “da Morte”, sendo considerado o mais equilibrado da competição. Ao lado dos argentinos estavam a

Inglaterra, a Suécia e a Nigéria. A primeira rodada foi boa para a Argentina, com uma vitória de 1 a 0 sobre os nigerianos e com o empate entre ingleses e suecos eles chegaram a ocupar o primeiro lugar no grupo. A queda da seleção da Argentina começaria no jogo seguinte, contra a Inglaterra. A derrota no nervoso clássico para os ingleses e um empate no último jogo, contra a Suécia, eliminou os argentinos da Copa.

O Brasil deu sorte no mundial até no sorteio das chaves, quando as seleções sem tradições como Turquia, China e Costa Rica foram definidas como seus adversários. Na véspera da estréia do time um susto: Émerson, o capitão da equipe, machuca o braço num treino recreativo enquanto brincava de goleiro e é cortado da seleção. A braçadeira de capitão passaria para Cafu, que já havia disputado duas finais de Copas (1994 e 1998). O segundo susto do Brasil foi no seu primeiro jogo no campeonato, contra a Turquia. Com um gol no final do primeiro tempo, a Turquia foi para o intervalo vencendo por 1 a 0. A seleção brasileira empatou no início da segunda etapa com o atacante Ronaldo, jogador que mesmo fora das condições físicas ideais antes da Copa recebeu um voto de confiança do técnico Luiz Felipe. O gol da vitória brasileira veio somente aos 42 minutos do segundo tempo e através de um erro do árbitro da partida, que marcou pênalti em uma falta que aconteceu fora da área. Na cobrança, Rivaldo garantiu a primeira vitória do Brasil na Copa do Mundo daquele ano.

Aproveitando os jogos contra adversários mais fracos (China e Costa Rica), a seleção foi ganhando entrosamento, com goleadas por 4 a 0 e 5 a 2 respectivamente. O clima entre os atletas demonstrava ser de grande união, por isso o grupo ficou conhecido como “Família Scolari”. Com as três vitórias, a seleção terminou em primeiro lugar em seu grupo, seguida pela Turquia. O adversário brasileiro nas oitavas-de-final foi a Bélgica. Para muitos críticos e até alguns jogadores, o jogo foi um dos mais difíceis da competição. Os belgas chegaram a ter um gol injustamente anulado. Apenas no segundo tempo o Brasil se impôs e conseguiu marcar dois gols, com Rivaldo e Ronaldo.

Nas outras partidas, a Alemanha - com seu estilo de jogo burocrático -, venceu o Paraguai por 1 a 0. Os surpreendentes Estados Unidos ganharam do seu maior rival na América do Norte, o México. A Turquia também surpreendeu, eliminando os donos da casa, os japoneses. Já a Coreia do Sul conseguiu passar de

fase, vencendo de virada os italianos. Dois jogos acabaram empatados no tempo normal: Espanha e Irlanda, e Suécia e Senegal. Nos pênaltis os espanhóis venceram, enquanto os senegaleses – com um gol de ouro - igualaram o feito de Camarões, quando em 1990 também chegaram nas quartas-de-final de uma Copa, melhor posição de uma equipe africana. A outra seleção classificada foi a Inglaterra, que com um 3 a 0 sobre a Dinamarca seria a adversária brasileira na fase seguinte.

Com a queda de tantos favoritos, o encontro entre Brasil e Inglaterra foi encarado como final antecipada por muitos. Os ingleses saíram na frente com o inglês Owen, após falha do zagueiro brasileiro Lúcio. No entanto, o Brasil dominou o resto da partida e, com Ronaldinho Gaúcho inspirado, venceu por 2 a 1. O primeiro gol veio após uma arrancada em que Ronaldinho dribla um defensor inglês e serve Rivaldo para o gol de empate. O segundo gol saiu de uma falta cobrada direta para o gol enquanto todos esperavam o cruzamento.

A Coréia conseguiu garantir sua participação nas semifinais vencendo a Espanha, num jogo que – assim como havia sido contra os italianos – a arbitragem foi polêmica, com dois gols espanhóis sendo erroneamente anulados. A Alemanha mais uma vez apresentou o seu futebol de grande empenho tático, mas pouca técnica contra os Estados Unidos. Mais uma vez, venceu pelo placar de 1 a 0. A Turquia foi a outra seleção a passar de fase, eliminando o Senegal na prorrogação.

Ao contrário do que vinha acontecendo durante toda a competição, as surpresas acabaram nessa fase. Nas semifinais, Brasil e Alemanha eram favoritos em seus jogos contra Turquia e Coréia do Sul, respectivamente. Com duas vitórias de 1 a 0 sobre seus adversários, brasileiros e alemães fariam uma final entre as duas equipes que mais disputaram a decisão do mundial. Desde a Copa de 1950, Brasil ou Alemanha sempre chegaram à decisão do mundial, com a única exceção sendo a Copa de 1978, quando a final foi entre Argentina e Holanda. No total, os brasileiros tinham chegado a seis finais, ganhando quatro delas. Os alemães também tinham seis finais em seu histórico, com três vitórias. A sétima final para cada lado foi também um jogo inédito em copas, Brasil e Alemanha nunca tinham se enfrentado em um mundial.

A decisão permaneceu empatada até perto da metade do segundo tempo, quando o goleiro alemão Oliver Kahn – considerado o melhor jogador da competição

segundo votação da imprensa – não conseguiu segurar um chute de Rivaldo, largando a bola para Ronaldo marcar o primeiro gol do jogo. Pouco mais de dez minutos depois o Brasil abriu vantagem de dois gols, mais uma vez com Ronaldo “Fenômeno”. Com os dois gols na decisão, ele chegou a artilharia da Copa (com oito gols) e, somando-se aos quatro que ele havia marcado na copa anterior, alcançava Pelé como maior artilheiro do Brasil na história das Copas do Mundo. Ronaldo foi o grande destaque do Brasil na conquista do seu pentacampeonato, como ressalta UNZELTE (2002, p. 310):

Ronaldo, o “Fenômeno”, foi mais do que ninguém a cara do penta. O símbolo de um time que fez o caminho de volta do inferno, mostrando ao resto do mundo que ainda merecia respeito (UNZELTE, 2002, p. 310).

O autor ainda frisa as dificuldades pelas quais o jogador enfrentou no período entre as Copas do Mundo da França, em 1998, e da Ásia, em 2002.

Em 1999, submeteu-se a uma cirurgia no tendão. Quatro meses depois, em seu retorno aos gramados, pela Internazionale, contra a Lazio, não resistiu a mais de sete minutos em campo. Caiu sozinho, com dores e teve que ser substituído. Sua imagem participando de compromissos com patrocinadores passou a ser mais freqüente que suas jogadas em campo. Mas a volta gradativa aos gramados, no final de 2001, renovou as esperanças do mundo novamente aplaudir o homem, quase menino, que um dia já foi chamado de “Fenômeno”. Às vésperas da Copa do Mundo de 2002, o técnico do Brasil, Luiz Felipe Scolari, resolveu apostar na ressurreição do “Fenômeno”. E ganhou a aposta. Depois de duas cirurgias, 17 meses sem disputar jogos oficiais e dois anos sem ser convocado, Ronaldinho não só participou de todas as sete partidas o Brasil na campanha do pentacampeonato mundial como tornou-se o artilheiro da Copa, com oito gols. Marcou o primeiro na nervosa estréia contra a Turquia (...) E na decisão contra a Alemanha marcou dois gols contra o até então intransponível goleiro Oliver Kahn que valeram o penta. Uma fenomenal ressurreição de Ronaldo para a vida e para o futebol (UNZELTE, 2002, p. 643-644).

4 COBERTURA DA COPA DO MUNDO DE 1970

A Copa de 1970 foi um marco para o torcedor brasileiro não só pelo fato do país ter conquistado o tricampeonato. Um outro fato, no entanto, também marcou a aquele mundial: pela primeira vez, uma Copa do Mundo era transmitida ao vivo para o país, via satélite. As imagens, aqui, eram ainda em preto e branco, um pouco desfocadas, e o som sofria algumas distorções. Na Copa anterior, de 66 na Inglaterra, só se tinha acesso às imagens um ou dois dias depois das partidas.

Mesmo com a televisão sendo a novidade da Copa, o rádio continuava tendo uma grande popularidade no país. Aos jornais impressos, restava a análise mais detalhada e a repercussão dos jogos no dia seguinte. Já uma referência no jornalismo gaúcho da época, Zero Hora explicava nas páginas do jornal como seria a cobertura daquela Copa, a sua primeira. Como a nota divulgada no dia seguinte a abertura da competição, com o jogo entre México e União Soviética:

Começou a Copa. Sem gols, mas com muita festa. ZERO HORA está mostrando tudo: as solenidades, o jogo, os bastidores, os adversários do Brasil (nossos inimigos cordiais) e uma cobertura fotográfica que julgamos que vai agradar. Manchete Press, UPI, correspondente, o trabalho da equipe fotográfica aqui de casa, telex direto do México todos os recursos para que o leitor ganhe em informação. É claro que o noticiário local não foi esquecido. Esperamos que gostem. Fôrça, garantimos, a gente fêz (ZERO HORA, 01/06/1970, p. 45).

Um detalhe apresentado nessa cobertura era que a União Soviética era chamada ainda de Rússia. Neste dia, o jornal fez um relato de como os porto-alegrenses acompanharam o início da Copa. “Em casa ou nas ruas, povo vibrou com o início da Copa”, dizia a manchete de uma matéria daquele 1º de junho de 1970. Na notícia, eram descritas como diferentes pessoas viram o jogo: o governador do Estado – Peracchi Barcelos – no Palácio Piratini, na Praça da Alfândega mais de 200 pessoas assistiram pelo aparelho de televisão instalado pelo jornal e até um senhor que instalou um aparelho portátil de TV em seu automóvel.

No dia três daquele mês, o Brasil estrearia na Copa contra a Tchecoslováquia. Neste dia, uma foto de Pelé dando uma bicicleta ilustrava capa e contra-capas do jornal, com a manchete de “Chegou a hora, Brasil”. No dia seguinte,

o jornal detalhava como foi a primeira vitória da seleção no mundial. Na capa, uma foto da agência UPI vinha, inclusive, com a sua legenda em inglês. Outro fato que mereceu destaque na página foi a transmissão do jogo no Auditório Araújo Viana, em Porto Alegre, para milhares de pessoas. Nas páginas internas do jornal, uma descrição minuto a minuto detalhava os principais lances. O jogo é descrito como se fosse a própria narração da partida: “Barreto apita, dando início ao jogo”; “Pelé está infernal. É o grande jogador de sempre. Suas jogadas arrancam aplausos da torcida”; “Jairzinho dribla um, dois, três, entra na área e marca: quatro a um”.

Um dos colunistas do jornal era João Saldanha, que pouco mais de dois meses antes da Copa havia sido demitido do cargo de técnico da seleção. Jornalista de profissão, em sua coluna após o primeiro jogo do Brasil ele afirmava que estava cada vez mais convicto do que aquela seleção poderia fazer. Só acrescentando que aquela vitória não deveria subir a cabeça dos jogadores. “Dentro da humildade que mantiveram até aqui e com este futebol genial e solidário, virão as outras vitórias”, assegurou.

Na véspera do confronto com a Inglaterra, Zero Hora ressaltava alguns fatores a favor da seleção brasileira. Citava, sem especificar posições e detalhes, a preparação cuidadoso do Brasil, assim como sua tática ao mesmo tempo cautelosa e agressiva. Também ganhou destaque as afirmações do técnico inglês, Alf Ramsey, de que eles não temiam os brasileiros.

Para a disputa entre os atuais campeões do mundo e o Brasil, o jornal dizia que daquele jogo sairia uma seleção mais preparada para ganhar o título. Com a vitória de 1 a 0 sobre os ingleses, a coluna Bola Branca – assinada por Mendes Ribeiro – era uma resposta ao treinador da Inglaterra, com o título de “E agora, Ramsey?”.

Diferente da descrição do primeiro jogo, quando a narração da partida minuto a minuto foi dividida em uma página para cada tempo, a história do jogo contra os ingleses foi dividida por time. Uma página relatava as jogadas destacando a atuação do Brasil, os jogadores brasileiros são os principais personagens. Na página seguinte. A visão do jogo passa a ser inglesa, e é ela a protagonista agora. Exemplo de um mesmo lance para os dois tipos de descrição:

BRASIL: Tostão não acompanha o lançamento de Jairzinho. Mas o ponteiro insiste recupera a bola e centra alto. Pelé cabeceia magistralmente, para Banks praticar a grande defesa desse primeiro tempo. Espetacular mesmo (ZERO HORA, 08/06/1970, p. 50).

INGLATERRA: Banks defende espetacularmente, quando Pelé, de cabeça, conclui um centro de Jairzinho (ZERO HORA, 08/06/1970, p. 51).

A separação entre Brasil e Inglaterra na análise do jogo também aconteceu nas páginas seguintes, onde um jogador de cada time – indicados pelo jornal como os melhores de sue time na partida – mereceu uma página com comentários a seu respeito e sua atuação.

Da seleção brasileira, o escolhido foi Clodoaldo, apontado como símbolo da regularidade da equipe. Enquanto o restante do time teve no texto chamado “O nosso bom” rápidas considerações, o desempenho do Clodoaldo foi exaltado. “No entanto, colocamos estas atuações em linhas gerais, para dizermos que o time brasileiro que cada vez mais aproxima-se do título mundial, vem tendo sempre um homem que, levado para o sacrifício, reage a altura e passa a ser o maior líbero que o futebol nacional conheceu: Clodoaldo. Foi este homem que ontem desempenhou de forma tão nítida a importante missão que lhe coube em campo. Por isto, estamos chamando-o de o bom do Brasil, ontem”, dizia.

Do lado inglês, o destaque ficou para Bobby Charlton, no texto com o título “O bom deles”. O texto não tentou mostrar apenas um jogador, campeão do mundo em 1966, que aos 34 anos ainda é um grande atleta. É apontada a presença do melhor jogador inglês no jogo.

Outra vez, a descrição separada entre países era registrada na análise geral da partida, em “O nosso jogo” e “O jogo deles”. No final de cada texto eram atribuídas notas (de 0 a 10) para os jogadores, Clodoaldo e Charlton – seguindo os elogios das páginas anteriores – foram os únicos com nota máxima.

No relato da primeira partida, os quatro gols brasileiros foram descritos em uma página. Da mesma forma, o gol de Jairzinho contra os ingleses teve o mesmo espaço. Por ter sido apenas um, o texto pôde fazer um desenvolvimento maior a seu respeito. A descrição já começa pelo final da história, relatando a comemoração dos jogadores. Depois, o texto contesta o próprio leitor sobre um dos co-autores da

jogada brasileira que vinha sendo contestado pela torcida, Tostão. “Você mesmo quantas vezes, no primeiro tempo, não reagiu contra a escalação do mineiro?”, perguntava.

Um dos escritores que tinham uma coluna no jornal naquela época era Josué Guimarães, porém assinando com o pseudônimo de um inglês chamado Phileas Fogg¹. No 09 de junho daquele ano, dois dias após a derrota da Inglaterra para a seleção brasileira, o escritor descreve um fictício encontro entre ele – Phileas – e o técnico inglês Alf Ramsey, seu amigo na história. O texto foi mais uma brincadeira sobre as afirmações que o técnico inglês havia feito antes do jogo.

Narrado em primeira pessoa, ele conta que foi ao México encontrar seu antigo amigo, “o meu velho Alf dos pubs de Londres”, a pedido do próprio técnico inglês. O motivo seria o seu nervosismo horas antes da partida contra os brasileiros. Ao amigo, Ramsey desabafa o medo do confronto, confessando até sonhos com Pelé, Gerson, Rivellino, Tostão, Jairzinho e um “criolo” – segundo ele – de nome Everaldo. Ele dizia que não agüentava mais ter que bancar o inglês impassível, e que as afirmações de que os brasileiros não o faziam temer era tudo uma guerra de nervos “para estremecer êsses subdesenvolvidos miseráveis. A minha calma aparente os arrasa, sei disso através do nosso departamento de espionagem”, dizia o técnico segundo Phileas.

Também naquele dia, véspera da última rodada da primeira fase, Zero Hora apresentava um detalhado panorama do que poderia ser a fase seguinte, as quartas-de-final. Dos 16 países que disputavam a Copa, apenas três chegaram na última rodada sem chances – pelo menos matemáticas – de se classificar, por isso seriam jogos decisivos. Enquanto isso, um grupo havia definido seus classificados antes dessa última rodada. Inclusive o Brasil, mesmo com chances remotas de

¹ O escritor Josué Guimarães (1921-1986) nasceu em São Jerônimo, interior do Rio Grande do Sul. Sua obra mais marcante foi a trilogia A Ferro e Fogo, onde trata da colonização alemã no RS. Mas também exerceu a atividade jornalística, participando como repórter, redator, editor e cronista de diversos jornais do país. Sem deixar de expressar suas opiniões e evidenciar suas posições, chegou a ter ordem de prisão expedida contra si durante o regime militar, quando ficou exilado em Portugal. Adotou o pseudônimo de Phileas Fogg para escrever para o jornal Zero Hora durante dois momentos, nos anos 1970 e 1971, e depois, em 1982. No total, foram mais de trezentas crônicas assinadas pelo escritor com o nome do personagem principal do livro de Julio Verne, A Volta ao Mundo em 80 Dias. O próprio nome de sua coluna – “A Volta ao Mundo” – já lembrava a obra do escritor francês. Nela, Josué Guimarães tinha total liberdade para abordar temas variados, da política ao futebol. O Phileas de Guimarães é um nobre inglês, o que lhe permite frequentar ambientes sofisticados e variados, além de conhecer diversas importantes pessoas, compondo imaginariamente entrevistas de conteúdo crítico, com personagens internacionais.

eliminação, ainda não havia assegurado vaga para a próxima fase. Por isso, o título de “Na Copa dos pessimistas Brasil ainda pode cair” no texto.

O texto buscava mostrar as possíveis combinações de resultados e os classificados que saíam delas. “Tentaremos mostrar as alternativas do imprevisível”, dizia. E assim, cada um dos quatro grupos foi analisado para ver qual seleção tinha mais ou menos chances de passar de fase. O montante de informações, números, e cálculos apresentados no texto mostravam de que forma seleções favoritas – como o Brasil – podiam cair, e equipes desacreditadas – como Israel – poderiam surpreender passando de fase.

O maior destaque era dado ao grupo onde se encontrava a seleção brasileira, o Grupo 3. Para muitos o Brasil já estava classificado, mas como matematicamente o panorama mostrava que não, o jornal cogitou a situação mais pessimista para que o país não conseguisse ficar entre os dois melhores de seu grupo.

Agora vamos fazer um cálculo pessimista para o Brasil, que, ao que dizem todos, torcedores de todo o mundo, experts de tôdas as partes e homens de Imprensa que cobrem a Nona Copa do Mundo, já está classificado. Ninguém admite que uma seleção que vença a Checoslováquia por 4 gols a 1 e dobra os campeões mundiais, ainda possa temer uma desclassificação nas oitavas. É, mas que o Brasil não ir às quartas é um fato e não muito remoto. Vamos ao raciocínio (ZERO HORA, 09/06/1970, p. 24).

No cenário pessimista montado pelo texto, o país não se classificaria com uma derrota para os romenos por 3 a 0, e ainda dependiam que ingleses também vencessem a tchecos por 3 a 0. Dessa maneira o Brasil ficaria em terceiro no seu grupo, perdendo a vaga apenas no saldo de gols. Outros cenários foram montados, até um em que Brasil, Inglaterra e Romênia ficariam empatados em todos os critérios¹ e a decisão das vagas através de um sorteio. Num outro, o empate poderia ser com Inglaterra, Romênia e Tchecoslováquia em segundo no grupo com o Brasil primeiro, onde dessa vez o sorteio definiria o outro classificado.

¹ A forma de disputa da primeira fase – ou oitavas-de-final – da Copa do Mundo de 1970 era apresentada em quatro grupos com quatro países em cada, que se enfrentariam entre si. Os dois primeiros colocados passavam para a fase seguinte, as quartas-de-final. Os critérios de classificação eram – respectivamente – pontos ganhos e saldo de gols. Cada vitória daria ao vencedor dois pontos. Em caso de empate, cada equipe ganhava um ponto. O saldo de gols era obtido pelo número de gols feitos subtraídos do número de gols sofridos.

Apenas o grupo 4 já havia definido seus dois classificados nas duas primeiras rodadas. Alemanha Ocidental e Peru se enfrentaram somente para decidir quem seria o primeiro do seu grupo. Com duas vitórias sobre a Bulgária e Marrocos, os alemães e peruanos já estavam garantidos nas quartas-de-final. Os búlgaros e marroquinos fizeram o único dos jogos da última rodada que não teria nenhuma influência na classificação para a fase seguinte. O outro país sem chances matemáticas de classificação era El Salvador, porém o seu jogo contra a União Soviética – pelo grupo 1 – poderia alterar os classificados daquele grupo. Por já estar definido, o grupo 4 não teve nenhuma menção no texto.

Naquele mesmo 9 de junho, ainda houve espaço para dois textos de Mendes Ribeiro que analisavam duas lições que a Copa tinha mostrado até o momento: a ineficiência do chamado “futebol-força” e o talento do jogador acima de tudo.

Seus dois textos comentam a mudança de visão que os críticos tiveram do futebol após a derrota brasileira na Copa anterior, em 1966 na Inglaterra. De forma quase unânime era defendida a tese de que era preciso incrementar a preparação física da seleção, não bastando apenas a habilidade dos jogadores, adotando essa característica que é marcante aos europeus. No texto, Mendes Ribeiro lamenta que, assim, o espetáculo do futebol para o torcedor tenha perdido um pouco do seu brilho, e que naquele mundial o talento sairia vencedor sobre a força.

No dia do jogo contra a Romênia, 10 de junho de 1970, Zero Hora tentava prever as mudanças que o técnico Zagallo faria na seleção com as ausências de Gérson e Rivellino, ambos por problemas físicos. O jornal apostou na entrada de Fontana na zaga, com a passagem de Piazza para o meio-campo, hipótese que acabou se confirmando na escalação do time para a partida. Na análise, também era comentada que o jogo seria o confronto da técnica e do talento brasileiro contra a rígida disciplina e o sistema defensivo romeno. Para o jornal, não restava dúvida que naquela Copa do México já estava devidamente esclarecida a diferença entre as duas filosofias de jogo. “É inegável que o futebol-arte supera e suplanta o futebol-força”, assegurava.

A afirmação se concretizou, e o Brasil venceu o jogo por 3 a 2. A cobertura da terceira vitória brasileira naquela Copa seguiu o padrão que já havia sido apresentado após a partida contra a Inglaterra, analisando a partida através da visão

brasileira e da adversária. São duas páginas (uma para cada seleção) onde são descritas as produções ofensivas das equipes. A forma com a qual são contadas é a mesma, descrevendo as jogadas minuto-a-minuto.

No mesmo padrão era analisado o conjunto de cada um dos times na partida. Uma página comentava a atuação brasileira enquanto, ao seu lado, o texto era restrito ao jogo dos romenos. Na análise do Brasil, o destaque era para o desempenho de Paulo César, que fez o passe para o segundo gol brasileiro. Depois, ele ainda mereceria mais uma página de comentários a seu favor. Ao falar sobre a atuação do restante do time, a maioria dos atletas foi elogiada. As críticas mais severas ficaram centradas nas falhas do zagueiro Brito e no estado físico de Tostão, que – de acordo com o jornal – não tinha preparo para jogar avançado como estava, onde tinha desvantagem aos choques e combates da defesa adversária. Do lado romeno, o destaque ficou para Dumitrache, considerado – mesmo antes da partida – o melhor jogador da sua seleção e um dos melhores atacantes do mundial.

Com vitórias em seus três jogos da primeira fase, o Brasil teria como seu adversário nas quartas-de-final o Peru. Na véspera do confronto, 13 de junho daquele ano, a contra-capa de Zero Hora ironizava: “Por que o susto Brasil? Peru morre na véspera”. O receio que a manchete perguntava poderia ser explicado pela admiração brasileira pelo técnico da seleção peruana: o brasileiro Didi, bicampeão do mundo com o Brasil como jogador em 1958 e 1962. O fato de o ídolo brasileiro estar agora confrontando seu país e a ambigüidade que ele estaria enfrentando foram abordados por Zero Hora.

O coração de Didi dividi-se. Como profissional consciente, vai orientar seus jogadores, na tentativa de fazer parar a máquina que é o time de Zagallo. Como brasileiro, talvez, até mesmo esteja torcendo para que a lógica impere nessa partida, e a vitória seja do Brasileiro, que é dele também (ZERO HORA, 13/06/1970, p. 39).

No dia posterior a vitória brasileira por 4 a 2 sobre os peruanos - dia 15 de junho de 1970 - a capa de Zero Hora era também ocupada por outros assuntos que relevância nacional. A maior manchete tratava do seqüestro do embaixador alemão no país, Ehrenfried von Holleben, por um grupo esquerdista, que exigiam a sua troca por 40 presos políticos. Naquele dia a manchete anunciava: “Presos viajam para a Argélia – embaixador alemão poderá voltar ainda hoje”.

Já o relato da partida não fugiu ao padrão que o jornal vinha apresentando naquela cobertura, com descrições separadas e cada uma voltada para uma equipe. A narrativa do jogo minuto-a-minuto para o Brasil tem o título de “A cada minuto estamos mais perto da Copa”, já para os peruanos é “Assim o Peru saiu da Copa, a cada minuto”. A forma como em cada um dos textos os protagonistas mudam podem ser vistas na descrição do primeiro gol brasileiro.

BRASIL: 11. Avanço rápido do Brasil. Fernandez falha e Tostão atrasa para Rivellino, que desfere potente chute rasteiro inaugurando o marcador.

PERU: 11. Fentes alivia a pressão brasileira, mas falha Fernandez, ficando a bola com Tostão que lança Rivellino. O chute forte vence a perícia de Rubiños: Brasil um a zero.

Assim como nas partidas anteriores, Zero Hora destacou também um jogador de cada país como os melhores da sua equipe naquele jogo. Dos brasileiros, o mais elogiado foi Rivellino, definido como a maior figura do time brasileiro e da partida. Do lado peruano, “nota dez para o ótimo Cubillas”, dizia o jornal, que não deixou de enaltecer a boa partida do Peru. Ainda houve espaço naquele dia para uma homenagem ao esforço de Didi, com o texto “Na derrota do Peru, um vencedor: Didi”. Nele era ressaltado o combate que o treinador impunha ao seu time que, segundo o jornal, traduzia o magnífico atacante que ele havia sido.

Na contra-capá daquele 15 de junho, com a foto do primeiro gol brasileiro - de Rivellino – a manchete afirmava que faltavam apenas mais dois passos para a conquista do tricampeonato mundial. A chamada para o jogo das semifinais já dava a tônica do que seria o confronto entre brasileiros e uruguaios dias depois: “Uruguai, sim. Vamos vingar Maracanã 1950”.

O favoritismo do Brasil era demonstrado através de números no dia seguinte, 16 de junho. Primeiro, um texto comentava a opinião dos três mil críticos internacionais – segundo Zero Hora – que cobriam o evento. No seu entender, o Brasil tinha 50% de chances de ganhar a Copa. A Alemanha Ocidental era a segunda, com 25%. Itália, com 15%, e Uruguai, com 10%, fechavam o grupo. Entretanto, o jornal fazia uma ressalva em seu título: “O Brasil é o favorito de todos. Mas há lugar para os azares. Em Copa é assim”.

Outro número que simbolizava a força do país naquele mundial era o número de jogadores brasileiros na seleção da primeira fase, segundo escolha dos próprios técnicos dos países participantes do mundial. Além de quatro brasileiros (Clodoaldo, Gerson, Rivellino e Pelé), mais três alemães, três ingleses e um soviético completavam o time. Nenhum atleta do Uruguai ou Itália (as outras duas semifinalistas além de Brasil e Alemanha) ficaram entre os mais votados. Segundo Zero Hora, a matéria teve um preço para um de seus repórteres que cobriam a Copa.

Nei Bianchi pagou um litro de uísque escocês para os coleguinhas do Centro de Imprensa, mas conseguiu dêstes a seleção do mundial das oitavas-de-final. Três brasileiros figuraram nela ocupando o meio-de-campo: Gerson, Clodoaldo e Rivellino. E depois Pelé, o rei eterno (ZERO HORA, 16/06/1970, p. 37).

No mesmo dia o jornal reservava uma página para alguns fatos daquele mundial. Em onze notas pequenas, Zero Hora trazia algumas informações sobre a Copa, que iam desde a escalação dos árbitros para os jogos das semifinais, até a lista dos artilheiros do mundial até o momento. Quatro das onze notas comentavam declarações de outros veículos de imprensa internacionais.

FAVORITO – A imprensa mexicana elegeu o Brasil como seu favorito na Copa. El Diálogo, que se edita em Guadalajara, afirma em sua manchete: “Brasil a dois passos da meta”. E, no subtítulo: “cada vez mais, justifica que merece o tri”. Outra manchete: “Brasil, é a firme esperança da América”. E, na matéria, afirma que o Brasil e Alemanha devem ganhar amanhã e jogarem, domingo, a finalíssima.

PUNHALADA – L’Equipe, comentando o jogo entre Uruguai e União Soviética, classifica de “espetáculo indigno de quartas-de-final de um campeonato do mundo”. Comenta que os soviéticos foram privados da vitória pelo jogo profundamente negativos de seus oponentes, e pelas decisões do juiz, tôdas eivadas de erros, e o gol de Esparrago foi a punhalada final, contra os soviéticos.

FINALÍSSIMA – O jornal “Frankfurter Neuw Press”, de Frankfurt, faz elogiosas referências à vitória da Alemanha sobre a Inglaterra, classificando de revanche da final de 66, em Londres e prediz novas alegrias para a torcida germânica contra a Itália. Vaticinando ainda que a finalíssima da Copa, no próximo domingo, será entre os times do Brasil e da Alemanha.

CHÔRO – A imprensa soviética atribuiu a derrota ao “intolerável” sol mexicano e a parcialidade do árbitro, que validou o gol de Esparrago, quando o lance se iniciou irregularmente: a bola já havia transposto a linha de fundo, quando surgiu o centro proporcionando a cabeçada e o gol de Esparrago. O “Pravda” diz: “o sol mexicano derrotou os soviéticos”. E faz acerbas críticas ao árbitro, que validou um gol ilegal.

Chegaram às semifinais daquela Copa quatro dos cinco países que já haviam conquistado o Mundial: Brasil, Uruguai, Itália e Alemanha. A única campeã que havia ficado de fora era justamente a atual, a Inglaterra, que naquele campeonato já havia perdido para o Brasil na primeira fase e acabou sendo desclassificada pelos alemães. Três países poderiam ganhar no México o seu tricampeonato e, assim, levar para a casa por definitivo a Taça Jules Rimet¹. No dia em que os quatro países disputaram as duas vagas para as finais, 17 de junho, Zero Hora contou a história dos três países que poderiam ser tri naquele ano. Além de contar o retrospecto do Brasil em 1958 e 1962, do Uruguai em 1930 e 1950, e da Itália em 1934 e 1938, o jornal também comentou das superstições e coincidências que cercam o futebol.

Falam muito em coincidências. Uruguai campeão em 30, em 50 e por que não em 70? Mas José Ney mostra em outros aspectos, cada um dos aspirantes ao tri. E, por falar em tri, tchecos, romenos e ingleses, eliminados pelo Brasil, em suas iniciais formam o tri. Que tal? (ZERO HORA, 17/06/1970, p. 37)

Depois da vitória brasileira por 3 a 1 contra os uruguaios, Zero Hora comemorava a classificação para a final contra a Itália com a manchete “Só mais uma Brasil” na sua capa da edição de 18 de junho de 1970. Na descrição minuto-a-minuto da partida, seguindo o padrão de separar as duas equipes, os finais do texto resumem o resultado do jogo. “Fim de jogo, Brasil é finalista”, ao comentar o desempenho brasileiro, e “Fim de jogo, Uruguai fora da Copa”, do lado uruaio.

Os quatro gols da partida mereceram destaque em outra página naquele dia. Com exceção ao gol uruaio, visto como um descuido da defesa do Brasil, os três gols brasileiros foram descritos como maravilhosos. As três vezes nas quais a

¹ De acordo com as regras da FIFA, o país que conquistasse por três vezes a Copa do Mundo ganharia a posse definitiva da taça de campeão, chamada Jules Rimet. Antes de o Brasil conquistar seu tricampeonato em 1970, a posse do troféu ficou com o país campeão durante o intervalo entre as Copas, e a cada mundial ele passava para o novo campeão. O sistema de posse definitiva foi abolido pela entidade a partir do mundial seguinte, em 1974, na Alemanha. O novo troféu, denominado simplesmente de Copa Fifa, é até hoje mantido pelo país campeão por quatro anos, até a aproximação da data na nova Copa do Mundo.

seleção brasileira (com Clodoaldo, Jairzinho e Rivellino) conseguiu vencer o goleiro uruguaio Mazurkiewicz foram classificados como “gols de categoria, chutes e conclusões de verdadeiros craques”, dizia.

Segundo Zero Hora, o jogo foi considerado violento, com 21 faltas cometidas pelos uruguaio e 16 pelos brasileiros. O árbitro espanhol José Maria Ortiz de Mendibil Monastério distribuiu quatro cartões amarelos, três deles para o Uruguai. A sua atuação foi criticada pelo jornal.

Um juiz de nome comprido e de sangue azul, não fez jus à sua nobreza. Teve lances de plebeu dentro do campo, invertendo faltas e deixando de apitar, pelo menos, uma penalidade máxima cometida sobre Pelé. Na hora do jogo violento, achou mais político acomodar a situação. Mesmo assim, o Brasil foi para a final com a Itália (ZERO HORA, 18/06/1970, p. 47).

Para o jornal, sua atuação no jogo não ajudou a coibir a violência, característica descrita como os uruguaio sendo mestres nela. As críticas feitas contra o espanhol o acusavam de não marcar faltas claras, entre elas duas faltas em Pelé dentro da área que ele teria mandado efetuar fora da área e não pênalti. Entretanto, um dos fatos mais marcantes da partida não foi comentado pelo jornal: uma cotovelada dada por Pelé no defensor uruguaio Fontes. O texto reclamava apenas de erros do árbitro espanhol contra o time brasileiro.

A seleção de 1970 ficou marcada pelo seu poderio ofensivo. Pelé, Gérson, Rivellino, Tostão e Jairzinho brilhavam no ataque, ofuscando os defensores daquele time, entre eles, o gaúcho Everaldo, lateral-esquerdo. Depois da partida contra o Uruguai, Zero Hora prestava uma homenagem ao representante do Estado na Copa. Para o jornal, ele foi o destaque daquele semifinal, e o título deixava isso bem evidente: “Um gaúcho foi o melhor. Nosso astro: Everaldo”.

E argumentos não faltaram para classificar o lateral como “simplesmente maravilhoso”. A seu favor eram relatadas as principais jogadas ofensivas do Brasil, que iniciaram com ele, como um passe preciso para Pelé, que só não fez o gol por falta do defensor uruguaio não marcada pelo árbitro. Everaldo já havia sido notícia nos dias anteriores, quando era dúvida para partida por lesão – que já havia o tirado da partida anterior. O desempenho do jogador foi comemorado pelo jornal.

Numa das partidas mais emocionantes, em todos os tempos, para o futebol brasileiro, Everaldo surgia incomparavelmente bem na equipe brasileira. Atuação quase impecável o gaúcho via escorrer um jôgo que, afinal, lhe consagraria. Incrivelmente senhor de si, num ambiente em que a calma era raramente expressada, Everaldo salientava-se maravilhosamente por entre o feixe de craques do time do Brasil. Jairzinho seguiu-lhe os passos nos destaques. De qualquer forma, está de parabéns o Rio Grande do Sul. Everaldo foi excelente (ZERO HORA, 18/06/1970, p. 52).

Na véspera do confronto final entre Brasil e Itália, dia 20 de junho, o jornalista José Ney reviveu alguns fatos curiosos dos quarenta anos de Copas do Mundo em suas nove edições. Da primeira edição, em 1930 – no Uruguai, ele relatou fatos sobre a construção do Estádio Centenário e a sua inauguração após o primeiro jogo disputado nele. Também do primeiro mundial, ele lembrou as diversas brigas em campo protagonizadas pelos argentinos. Outros pequenos episódios também foram contados por José Ney. Como a disputa pela artilharia das Copas: do argentino Stábile em 1930, passando pelo maior artilheiro de todas as edições, o francês Just Fontaine – com seus 13 gols em 1958 – até chegar a Gerd Muller, o alemão que foi o artilheiro daquela Copa no México.

A página intitulada “Notícias da Copa” trazia notas curtas sobre os últimos dias de competição. Entre as 14 notas, duas comentavam a atitude do governo militar frente àquela partida. Uma falava sobre a viagem do ministro Jarbas Passarinho, da Pasta da Educação, à Cidade do México para acompanhar a final representando o presidente Médici. Sobre o presidente, outra nota escrevia que ele havia anunciado receber os jogadores da seleção brasileira no aeroporto do Rio de Janeiro quaisquer que fosse o resultado da final, “O presidente Médici deseja recepcionar os jogadores na qualidade de torcedor número um do Brasil”, dizia. Os prêmios prometidos aos atletas caso conquistassem o título, também era um dos assuntos tratados: os 100 mil cruzeiros por parte da confederação brasileira e mais um automóvel da Prefeitura de São Paulo. Sobre a recepção aos jogadores, no Estado, a Escola de Samba Bambas da Orgia já tinha preparado uma grande festa para receber Everaldo, até um samba enredo relativo à façanha do jogador estaria sendo composto segundo o jornal.

A preparação da seleção brasileira era comentada em mais de uma nota, desde a viagem de Guadalajara para a Cidade do México, a hospedagem na cidade

e os treinamentos previstos. Da parte italiana o destaque era para Rivera, um meio-campista que – segundo Zero Hora – depois de sua entrada no time a Itália melhorou seu jogo. Também a respeito dos italianos, o jornal comentava a crença do técnico da Itália, Ferruccio Valcareggi, que acreditava ter todos os trunfos para ganhar a partida, e apenas o “malabarismo” de Jairzinho o preocupava.

A contra-capa daquela edição de Zero Hora trazia a manchete em letras garrafais: “Amanhã êste caneco morre em nossos braços”. Manchete que combinou com a da capa da edição extra do domingo, 21 de junho de 1970, após a vitória brasileira por 4 a 1 sobre os italianos: “Extra – O caneco é nosso”.

Seguindo a capa, nove páginas contavam uma rápida biografia dos 22 jogadores da delegação brasileira mais o técnico Zagallo. Pelé foi o único que mereceu uma página apenas para ele, com um texto que começa incisivo: “Essa é a Copa de Pelé”. Dele era lembrado desde seu nascimento em Três Corações (MG), o início de sua carreira, jogando sem chuteira no infante-juvenil do Cruzeiro, chegada ao Santos – em 1956 -, e a convocação para a Copa dois anos depois, conquistando sua primeira Copa. Seus outros títulos (nove campeonatos paulistas em onze anos, e o bi-mundial com o Santos em 1961 e 1963) e o reconhecimento por ser o maior goleador da história do futebol completavam o texto de Pelé.

Depois dessas biografias, Zero Hora também fez um relato mais informal dos atletas, contando fatos familiares, namoradas, filhos, gostos e manias dos jogadores. Do goleiro reserva Ado, era comentado o seu modo de vestir-se “na onda yé-yé” e seu corte de cabelo no estilo francês. Assim eram descritos os campeões do mundo. A paixão do defensor Brito pelo carnaval e pela Mangueira. Marco Antônio juntava dinheiro para abrir um salão de beleza para sua mãe. De Zé Maria, o jornal dizia que seus próprios companheiros comentavam que ele só gostava de “cana” e carnaval. Clodoaldo – Clodô ou Corro para os amigos – não parecia preocupado pelo futuro: “só penso em futebol, depois a gente vê”. O dorminhoco Jairzinho. O manhoso Joel. O sonho de Gérson de ser locutor esportivo. A educação de Tostão, “incapaz de soltar um palavrão em campo”. Pelé, “o rei”, “o homem dos milhões”, “sua vida é um mar-de-rosas”, “nada dá errado para Pelé”.

As duas primeiras conquistas brasileiras também foram lembradas na edição: o primeiro título, em 1958, na Suécia; e o bi, no Chile, quatro anos depois. Assim

como os títulos mundiais, as partidas eliminatórias que classificaram o Brasil para a Copa do México também foram lembradas. Primeiro as vitórias fora da casa contra Colômbia, Venezuela e Paraguai. A seguir duas goleadas no Rio de Janeiro, 6 a 2 e 6 a 0 contra os colombianos e venezuelanos, respectivamente. Por último, a vitória difícil sobre os paraguaios por 1 a 0 e a classificação para o mundial.

O colunista Mendes Ribeiro declara em sua coluna toda a euforia que tomava conta do país.

Eu quero que esta chuva caia e lave a alma. Eu quero que ela continue, noite adentro, molhando o carnaval que o brasileiro faz esquecendo tudo, esquecendo todos e lembrando os homens que, no México, correram por todos nós, driblaram por todos nós e fizeram gols para todos nós, também. Eu quero que esse 21 de junho se perpetue, não termine nunca, rasgue meu calendário, todos os calendários e que escreva um outro em que, 365 dias por ano, o brasileiro tenha em sua frente a data histórica: domingo 21 de junho de 1970 e o resto, o resto não conta. Eu quero voltar aos loiros campos da Suécia, onde a glória imorredoura começou e ver os braços erguidos de Hidelbrando Luiz Bellini mostrando ao mundo a Jules Rimet como que dizendo ser apenas o comêço de uma longa caminhada. Depois voar. Depois voar, voar outra vez no tapêto mágico da euforia, da vibração incontida, para aquela terra hospitaleira do Chile, onde dançamos nas calçadas, onde o povo foi irmão, irmão e amigo e festejou o feito do Brasil como se chileno houvesse sido. E voltar, voltar sempre que êsse passado de glórias do Brasil é inesgotável, vendo a cadeira de rodas de Cristiano Lacorte, o parálfico que o Brasil consagrou como seu torcedor número um, empurrada pelos bicampeões do mundo. E um outro nome, um outro brasileiro, um outro herói. Mauro, levantando outra vez o caneco como que dizendo: é a segunda, mas a terceira não vai demorar. E, por que não, quero voltar a Liverpool e sentir outra vez a mesma convicção: aquela derrota não poderia somar nada, dizer nada em pessimismo. O Brasil é assim, batem nêto e êto cresce e se agiganta, e busca a afirmação e consegue a afirmação. Meu desejo imenso ficar aqui, participar dessa alegria incontida, real, de um povo que afirma que não é mais subdesenvolvido, subnutrido, servil, dependente. Quero ver o passe da cabrocha, ouvir o pandeiro, aspirar lança perfume, jogar confetis, me enrolar em serpentinas. Quero gritar bem alto, para que ouçam e meu desabafo: eu não disse, eu não disse, eu não disse? E depois entrar no côto de dizer Brasil até ficar rouco e, quando perder a voz, dizer mentalmente. Entendam que eu não sou cronista, nem homem de televisão e nem de rádio. Eu sou

um de vocês, misturado ao povo, junto ao povo, dando vazão ao meu mêdo escondido, ao receio disfarçado, ao frio na espinha que qualquer ser humano não poderia deixar de sentir.

Eu quero pingar o ponto final, bater com raiva o ponto que encerra a edição extraordinária e sentir que sou livre para ser torcedor misturado ao cronista e que jamais deixei o cronista vencer ao torcedor. Eu quero ver milhares de vezes aquela cabeça negra subindo, subindo e ficando com dez metros de altura e a bola obediente, caprichosa, da cabeça do Rei para o fundo do arco italiano, começando a ganhar a Copa. Eu quero que todos me desculpem a crônica assim, sem nuances técnicos, sem detalhes técnicos, sem apreciações de ordem alguma. Uma crônica que, em cada linha, diga que o caneco é nosso, é nosso, muito nosso, eternamente nosso. E que termine com um muito obrigado à raça, à habilidade, ao gênio do jogador brasileiro, o incomparável, decidido, provada e definitivamente, o maior do mundo. Até amanhã (ZERO HORA, 21/06/1970, p. 36).

Era o clima de carnaval, típico do brasileiro em suas festas de comemorações: “Quero ver o passe da cabrocha, ouvir o pandeiro, aspirar lança perfume, jogar confetis, me enrolar em serpentinas”. Por um momento, o colunista pede licença para extravasar sua alegria e se juntar as comemorações populares, esquecendo os demais problemas com os quais o país enfrentava: “Meu desejo imenso ficar aqui, participar dessa alegria incontida, real, de um povo que afirma que não é mais subdesenvolvido, subnutrido, servil, dependente”. Numa coluna em que o próprio autor assume escrever propositalmente fora dos padrões:

Eu quero pingar o ponto final, bater com raiva o ponto que encerra a edição extraordinária e sentir que sou livre para ser torcedor misturado ao cronista e que jamais deixei o cronista vencer ao torcedor. (...) Eu quero que todos me desculpem a crônica assim, sem nuances técnicos, sem detalhes técnicos, sem apreciações de ordem alguma. Uma crônica que, em cada linha, diga que o caneco é nosso, é nosso, muito nosso, eternamente nosso (ZERO HORA, 21/06/1970, p. 36).

5 COBERTURA DA COPA DO MUNDO DE 2002

A primeira Copa do Mundo do século XXI aconteceu em dois países que nas últimas décadas foram reconhecidos como lugares de grandes avanços em tecnologia, Japão e Coréia do Sul. Na cobertura jornalística do evento, juntava-se aos jornais, rádios e televisões, um novo veículo: a Internet. Em 2002, cerca de 10,3% dos domicílios brasileiros possuíam acesso à Internet¹.

Outro crescente avanço a partir da metade da década de 1990 foi a televisão por assinatura no Brasil. Além dos canais abertos², agora havia também mais outras emissoras em canais fechados fazendo a cobertura e transmissão da Copa. Dados de junho de 2001 apontavam que, no país, o número de assinantes de TV por assinatura ultrapassava 3,5 milhões³.

Assim Zero Hora chegava a sua nona cobertura de Copas do Mundo. Não só o jornal. Os outros veículos do grupo RBS (RBS TV, Rádio Gaúcha e ClicRBS) também fizeram uma cobertura especial do evento. Encartado em Zero Hora diariamente durante o mundial, vinha um caderno especial Jornal da Copa. Alguns de seus espaços eram fixos: como os colunistas Paulo Roberto Falcão, Wianey Carlet e Ruy Carlos Ostermann; além de David Coimbra e Mário Marcos de Souza. Além de um espaço para o humor, com o chargista Marco Aurélio.

O jornalista David Coimbra era, na época, Editor Executivo de Esportes de Zero Hora. Além de escrever matérias, assinava a contra-capas do Jornal da Copa. As crônicas publicadas por ele durante a Copa foram depois reunidas em um livro, chamado “Crônica da Selvageria Ocidental”, nome de um de seus textos publicados na Copa, no qual conta um embarque da equipe da RBS no trem-bala japonês. Seus textos não eram, necessariamente, a respeito da Copa, mas sim, buscava apresentar um pouco dos costumes e curiosidades dos dois países asiáticos, contando os costumes locais.

Também tinha um espaço fixo no caderno o jornalista Mário Marcos de Souza, Editor de Esportes do jornal, que assinava a coluna Bola Dividida, que já

¹ Fonte: PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2002 - IBGE - (www.ibge.gov.br).

² Freqüências VHF (Very High Frequency) e UHF (Ultra High Frequency) utilizadas para recepção dos sinais de uma exibidora ou retransmissora, nos canais 2 ao 13 e 14 ao 59, respectivamente.

³ Fonte: Associação Brasileira de TV por assinatura (www.abta.com.br).

fazia parte do caderno de esportes de Zero Hora. Sua coluna era diversificada. Trazia tanto algumas opiniões a respeito de táticas e desempenho dos jogadores, como também apresentava curiosidades das seleções, uma frase de maior impacto de algum personagem da Copa (jogadores, técnicos, personalidades, etc.).

Para a cobertura da Copa do Mundo, o grupo RBS criou como mascote uma coruja, que era o símbolo da “Torcida Coruja RBS”. A escolha pela ave era pelo motivo de que os jogos eram realizados ou de madrugada (2h30, 3h30, 4h30) ou de manhã cedo (6h, 6h30, 8h, 8h30). Fato esse que foi uma das dificuldades para os jornais que cobriam a Copa. Como a maioria dos jornais fecham a suas edições no final da noite, as notícias das partidas só eram publicadas um dia depois. Quando o jogo era do Brasil, uma das opções era atrasar o fechamento do jornal, o que gera um grande gasto para as empresas.

Zero Hora optou por fazer edições extras nos dias de jogos do Brasil. Logo após as partidas uma nova edição do jornal era produzida pela equipe da RBS na Ásia e pelo grupo que ficava na Redação, em Porto Alegre. Devido aos horários das partidas, a Extra foi destinada apenas à venda em bancas e por jornaleiros. Não era possível o envio aos assinantes porque seus exemplares já teriam sido entregues no horário em que a Edição Extra chegava nas ruas. Os mesmos motivos inviabilizaram a chegada da Extra ao Interior.

Os assinantes, entretanto, recebiam o mesmo material no dia seguinte, atualizado e com novas reportagens das horas posteriores ao jogo. A Edição Extra era vendida por jornaleiros em 40 pontos e em cerca de cem bancas de revistas da Capital ao preço de R\$ 0,50¹.

No dia de abertura do evento (31 de maio de 2002), sobre a partida inaugural entre França e Senegal era destacado o fato de ser um confronto entre “colonizadores” e “colonizados”, já que o país africano era ex-colônia francesa, e - em 2002 – 21 dos 23 atletas senegaleses jogavam em times da França.

A respeito da seleção brasileira, que estrearia três dias depois, o enviado David Coimbra comentava a saída do jogador gaúcho Anderson Polga da zaga da seleção, tida por ele como uma das questões mais intrigantes no time do Brasil. Coimbra defendeu o zagueiro do Grêmio, não vendo motivos para a sua troca por Edmílson.

A página central do caderno trazia naquele dia a manchete “Eis os personagens da festa” trazendo alguns palpites sobre o que poderia estar reservado para o mundial. Entre as seleções favoritas, Zero Hora destacava a atual campeã França, a Argentina – pela sua boa campanha nas eliminatórias -, a Itália – pela tradição -, e o Brasil. Sobre os brasileiros o jornal relatou o fato de a seleção estar desacreditada pela imprensa estrangeira, comentando uma pesquisa com jornalistas dos 32 países da Copa, onde apenas um apontou os brasileiros como futuro campeão. Entretanto, Zero Hora argumentava as possibilidades de vitórias do país: o fato de se ser o maior campeão (com quatro títulos na época), a experiência do técnico Luiz Felipe Scolari em torneios curtos, e o talento de jogadores como Ronaldo Rivaldo e Ronaldinho.

Como o possível craque da Copa, o jornal lembrou que o destaque do mundial costuma sair da seleção campeã do torneio. Zidane tinha sido o escolhido numa escolha entre os jornalistas, mas – machucado – o jornal afirmava que ele poderia perder espaço para gente como Ronaldinho, que aos 22 anos estava numa curva ascendente da sua carreira.

A vitória de Senegal sobre a França estampava a capa do jornal um dia depois da partida. Com a manchete “Dança tribal na Copa” trazia junto uma foto dos jogadores senegaleses dançando na comemoração do seu gol. Além da vitória africana sobre os atuais campeões do mundo, a edição do Jornal da Copa daquele 1º de junho de 2002 destacava duas entrevistas. Uma com Ronaldinho, na qual o ex-jogador do Grêmio revela a ansiedade para sua estréia em Copas e declara estar orgulhoso de jogar ao lado de ídolos seus, como Ronaldo e Rivaldo. A outra entrevista foi com Cláudio Taffarel, goleiro um personagem marcante para o Brasil em mundiais e que conhecia o primeiro adversário da seleção, a Turquia. Goleiro titular do país nas últimas três Copas, Taffarel jogou na Turquia e – na época – jogava na Itália, onde era companheiro de um dos principais jogadores do time turco, o atacante Hakan Sukur. Na entrevista, o gaúcho campeão do mundo em 1994 e vice em 1998 declara que a Turquia jogaria de igual para igual com os brasileiros.

A capa da primeira Zero Hora dominical após o início da competição era especial para a Copa. Com uma única foto da taça de campeão do mundo dentro de

¹ No Estado, de segunda à sábado Zero Hora era vendida ao preço de R\$ 1,25. A Dominical custava R\$ 2,50.

caixinha de presente sobre um fundo verde, trazia a manchete “Objeto de desejo”. Na verdade, a taça fotografada era uma réplica da original Copa Fifa, emprestada pelo jogador Dunga, que a havia ganhado após o título de 1994.

Véspera da estréia brasileira, a capa do Jornal da Copa trazia uma mensagem do gaúcho Luiz Felipe Scolari, técnico do Brasil, transmitida por intermédio do colunista Paulo Roberto Falcão.

Nunca a seleção brasileira teve tantos gaúchos como agora. E o que nós, gaúchos, temos de afinidade é a vontade de trabalhar. Os meus conterrâneos podem ter a certeza de que o representante gaúcho que está dirigindo a Seleção será o mais autêntico dos gaúchos. Vou pelear até o último jogo, até o último minuto. Vou trabalhar com este grupo como se você a última etapa da vida. Não vou dizer apenas que honrarei as tradições, mas farei com que os gaúchos se sintam contentes em ter na Seleção uma pessoa que nasceu no interior do Rio Grande do Sul, lá em Passo Fundo, e que não é adorado, mas tem grande carinho de todo o povo gaúcho, gremistas, colorados, juventudistas, torcedores do Caxias, enfim, de todos os clubes do meu Estado. Vamos fazer com que os gaúchos não se sintam envergonhados da participação de um conterrâneo dirigindo a Seleção Brasileira (ZERO HORA, JORNAL DA COPA, 02/06/2002, p. 01).

A mensagem de Scolari ressaltava o sentimento gaúcho. A característica é marcante em Zero Hora, que – sempre que possível – buscava salientar alguma coisa com relação ao Estado nas páginas do jornal. O recado do técnico da seleção brasileira fazia parte de uma entrevista exclusiva concedida ao colunista de Zero Hora e comentarista da Rede Globo, Paulo Roberto Falcão. Nela, Luiz Felipe falou da expectativa da estréia, a sua relação com o grupo de jogadores e a emoção de ouvir o hino nacional.

No dia da estréia do Brasil na Copa do Mundo (segunda-feira, 3 de junho), a capa de Zero Hora falava de futebol, porém, do Estado. Ela trazia o título do Campeonato Gaúcho (Gauchão) conquistado pelo Sport Club Internacional no domingo. A final do Gauchão entre Inter e 15 de Novembro vinha ocupando os espaços do caderno de esportes diário do jornal na semana anterior. Outro assunto que era destacado era a participação do tenista Gustavo Kuerten no torneio de

Roland Garros¹, no qual ele buscava seu quarto título no Grand Slam francês. Naquela segunda-feira, o jornal trazia em sua contra-capa a manchete da desclassificação do brasileiro nas oitavas-de-final do torneio.

Na capa do jornal, uma pequena referência ao Brasil anunciava o corte do jogador Emerson da Copa por lesão. Com a chamada de “Exclusivo”, Zero Hora contou como – involuntariamente – o Enviado Especial do jornal à Coréia David Coimbra deu ao gaúcho Emerson a notícia de que a Copa 2002 havia terminado para ele, que era o capitão da equipe.

O assunto era a capa do Jornal da Copa, com a manchete de “A dor do capitão”. Na própria capa do caderno vinha publicado duas conversas por telefone entre o jogador e o enviado por Zero Hora.

Às 20h de domingo (horário da Coréia), telefonei para o volante Emerson. Queria saber como ele estava, depois de ter se machucado no treino no Estádio Mansu, em Ulsan, onde o Brasil estréia hoje contra a Turquia. (...) Meia hora depois, o médico da Seleção desceu ao segundo andar do Hotel Hyundai, onde está concentrada a delegação, e comunicou o corte do volante à imprensa. Antes do fim da entrevista do médico, liguei outra vez para o jogador. Achei que ele já soubesse da sua dispensa e queria saber como ele estava reagindo (ZERO HORA, JORNAL DA COPA, 03/06/2002, p. 01).

Era a principal notícia do caderno naquele dia, contando ainda com mais duas páginas internas mais uma sobre o novo convocado no lugar de Emerson, Ricardinho. Capitão e titular absoluto no time, Emerson era uma das principais peças do sistema defensivo da equipe. Uma outra manchete perguntava: “Agora, quem vai marcar?”.

Após a vitória brasileira contra os turcos, num jogo difícil e que o Brasil saiu perdendo e acabou sendo beneficiado por erros da arbitragem, Zero Hora comemorava o anúncio do técnico Scolari de que poderia haver mudanças na zaga da seleção para a próxima partida, contra a China. Era a chance do gaúcho do

¹ No calendário anual do tênis, quatro grandes torneios se destacam. Eles têm características próprias, as maiores premiações e tradição. São chamados torneios do Grand Slam: Wimbledon (na Inglaterra), Roland Garros (na França), US Open (nos EUA) e o Aberto da Austrália. Em 1997, Gustavo Kuerten - o Guga - foi o primeiro o primeiro brasileiro a ganhar um torneio do Grand Slam, e - no ano seguinte - se tornou o primeiro brasileiro a liderar um ranking da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP). No torneio de 2002, Guga estava em sétimo no ranking.

Grêmio Anderson Polga ser titular, como dizia a capa do Jornal da Copa: “Polga na cabeça”.

A página central naquele dia mostrava a alegria dos anfitriões da Copa na estréia das suas seleções. Ainda mais pelos resultados dos jogos, históricos para os dois países: a primeira vitória da Coréia do Sul em cinco mundiais disputados (2 a 0 contra a Polônia) e o primeiro ponto conquistado pelos japoneses na sua segunda participação em Copas (2 a 2 com a Bélgica). O texto, entretanto, ressalta mais a alegria dos torcedores do que os resultados, comentando como os asiáticos – considerados um povo de atitudes discretas – extravasaram sua paixão, através de um show de cores, cantos e coreografias de causar inveja às mais fanáticas torcidas do Ocidente.

No dia do segundo jogo do Brasil, contra a China, o Jornal da Copa brincava com uma expressão popularizada pelo técnico Luiz Felipe: Bambala Futebol Clube, que em Porto Alegre é sinônimo de time de várzea. Zero Hora colocava – como pergunta – se a seleção chinesa seria um desses times, já que na sua estréias perdeu para a Costa Rica apresentando um futebol sofrível, segundo o jornal.

Como no dia anterior a Argentina havia perdido para a Inglaterra, Zero Hora não deixou de provocar o país vizinho. Também na capa do caderno, um desenho de um avião trazendo uma faixa dizia “Eles estão fora”, com um “quase” grifado entre as palavras “estão” e “fora”. A frase é usual no Rio Grande do Sul pela disputa entre Inter e Grêmio.

A brincadeira começou em 1996, quando ela foi usada no placar eletrônico do Estádio Olímpico, em um jogo do Grêmio, quando ao mesmo tempo o Inter perdia a classificação para a fase seguinte sendo derrotado pelo Bragantino, em São Paulo. No ano seguinte foi a vez do Inter se classificar e o Grêmio não passar de fase, para retrucar o deboche gremista, um avião sobrevoou o Estádio Beira-Rio, do Inter, com a frase.

A torcida contra os argentinos deu certo. E com um empate com os suecos na última rodada da primeira fase a Argentina – que era apontada com uma das grandes favoritas ao título mundial – ficava de fora das oitavas-de-final da Copa do Mundo de 2002. O fato mereceu destaque na capa de Zero Hora do dia 12 de junho, quarta-feira. “Argentina dá adeus à Copa”, dizia a manchete ilustrada com uma foto

do atacante argentino Gabriel Batistuta caído no gramado e cercado de suecos. E a frase que havia ganhado fama entre torcedores de Inter e Grêmio voltava a aparecer na matéria sobre a despedida argentina do mundial. “Eles estão fora!” era como começava o texto, que contou como foi o dramático empate entre os sul-americanos e os europeus.

A capa do Jornal da Copa dava destaque para o atacante brasileiro Edílson, que ganhava uma chance de ser o titular contra a Costa Rica no dia seguinte, já que o técnico Scolari havia anunciado que pouparia alguns titulares. Entretanto, também na capa do caderno Zero Hora comentou a desclassificação de outra seleção que chegou à Ásia sendo apontada como uma das favoritas ao título: a França. A manchete ressaltava o principal jogador da atual campeã do mundo e da Europa, Zinedine Zidane: “O herói francês na lona”. A foto que acompanhava a frase apresentava o jogador caído e com o rosto colado ao gramado após o esforço para alcançar uma bola. Machucado na perna esquerda, Zidane chegou ao mundial ainda não recuperado da lesão. Ficou de fora dos dois primeiros jogos e teve que jogar no sacrifício a última partida, quando só uma vitória poderia classificar a França. Teve que jogar com a coxa esquerda enfaixada, mas mesmo o jornal frisava que a Fifa o escolheu como o melhor do jogo.

Além de França e Argentina, um terceiro país campeão do mundo se despedia da Copa: o Uruguai. “A lenta agonia da Celeste”, dizia o jornal após o empate dos uruguaios com os senegaleses, por 3 a 3. Após sair perdendo por 3 a 0 no primeiro tempo, os campeões do mundo em 1930 e 1950 buscaram o empate na etapa final. Mais um gol e a vitória daria a classificação aos uruguaios. A agonia citada na manchete tinha relação com os minutos finais da partida.

Um gol classificaria o Uruguai. Foram seis minutos de pressão, quando os latinos perderam uma chance que não poderia ter sido jogada fora. No último lance de perigo do jogo, o uruguaio Varela viu o goleiro mal colocado e chutou de longe. Diatta, quase em cima da linha, defendeu de cabeça. A bola subiu e caiu na cabeça de Morales. O atacante, diante do gol aberto, mas sem qualquer noção do espaço que ocupava, cabeceou para fora (ZERO HORA, JORNAL DA COPA, 12/06/2002, p. 06).

Enquanto três países campeões do mundo não conseguiram passar da primeira fase, o Brasil – porém – assegurava o primeiro lugar no grupo C com uma

goleada de 5 a 2 sobre a Costa Rica. Uma vitória que significou, para a imprensa, a força ofensiva da seleção e a fraqueza da defesa brasileira. Como dizia a manchete da capa do Jornal da Copa em 14 de junho daquele ano: “Terror no ataque ... e na defesa também”. Uma foto do zagueiro Edmílson comemorando um dos gols brasileiros era, para Zero Hora, a síntese da Seleção, “faz a alegria dos brasileiros quando vai ao ataque e dos adversários quando é pressionada na defesa”.

Os altos e baixos da seleção brasileira foram analisados por Zero Hora como um problema não apenas da defesa e seus três zagueiros, mas também da falta de consistência do meio de campo do time. Os elogios ficaram restritos aos desempenhos de Ronaldo – marcando duas vezes – e Júnior – que substituiu Roberto Carlos e também foi o autor de um dos gols. O que preocupava a todos era a defesa. O goleiro titular do Brasil, Marcos, declarava que achava o time ofensivo demais, e que a marcação ficava a cargo apenas dos zagueiros e do volante Gilberto Silva. A página central do caderno naquele dia trazia a manchete “Esta defesa é uma peneira”, trazendo as opiniões de diversos ex-jogadores que passaram pela seleção em Copas do Mundo: Ricardo Rocha (zagueiro em 1990 e 1994); Mazinho (meia campeão em 1994); Paulo César Carpeggiani (meia na Copa de 1974); Oscar (zagueiro em 1978, 1982 e 1986); e Clodoaldo (volante em 1970). Todos eles criticavam o esquema com o qual vinha atuando e davam sugestões para resolver o problema. Seja segurar os laterais, como defendeu Ricardo Rocha; marcar o adversário e não a bola, como alertou Oscar; ou substituir Juninho, por Kléberson – na visão de Carpeggiani -, ou Ricardinho – segundo Clodoaldo.

Naquele dia, o ex-técnico da seleção - Mário Jorge Lobo Zagallo – também comentou a defesa da Seleção em sua coluna no caderno, que era publicada no dia seguinte aos jogos do Brasil. Segundo Zagallo, o mais equilibrado seria jogar com dois zagueiros, dois volantes e dois apoiadores.

Na edição dominical de 16 de junho de 2002, o Jornal da Copa trazia a notícia de que o técnico Luiz Felipe iria colocar o zagueiro gaúcho Anderson Polga na reserva, confirmando Edmílson entre os três titulares. No dia anterior, o próprio jornal havia publicado uma pesquisa feita através do site de notícias do grupo RBS, o ClicRBS¹. Para a pergunta “Qual zagueiro está comprometendo mais a defesa da

¹ www.clicrbs.com.br

Seleção Brasileira?” Zero Hora dava três opções de escolha, Polga, Lúcio e Edmilson. O jogador do Grêmio foi o menos votado, com 19,32% dos votos. Enquanto Edmilson, o escolhido por Scolari para formar a zaga com Lúcio e Roque Júnior, teve mais da metade dos votos, com 50,72%.

No dia em que o Brasil jogaria pelas oitavas-de-final, contra a Bélgica, o Jornal da Copa trazia na capa a síntese do que seria os jogos dali em diante: “Matar ou morrer. Ou seja, o time perdesse a partida se despediria do mundial, o vencedor avançaria para as quartas-de-final. Na página central do caderno o destaque era para Ronaldo, Ronaldinho e Rivaldo, chamados pelo jornal como a grife dos três erres.

Na manhã daquele dia o Brasil venceria a Bélgica por 2 a 0, garantindo seu lugar entre as oito melhores equipes daquele mundial, com os brasileiros enfrentando os ingleses.

A festa dos anfitriões do mundial mais uma vez ganhava destaque por Zero Hora. Tanto a capa do jornal como a do caderno especial sobre a Copa, no dia 19 de junho, se referiam à façanha dos coreanos, que no dia anterior haviam conseguido vencer a tradicional seleção italiana e se classificar para as quartas-de-final.

A página central do Jornal da Copa trazia naquela edição a alegria do povo coreano contrastada com a tristeza dos outros anfitriões da Copa, os japoneses, que acabaram sendo eliminados pelos turcos. Uma ao lado da outra, duas fotos grandes demonstravam isso. Duas sorridentes torcedoras coreanas comemoram a classificação de seu país em uma das fotos, enquanto a outra mostra uma torcedora japonesa enxugando as lágrimas em seu cachecol da seleção do Japão.

Os dois países que lado a lado decidiram organizar a Copa do Mundo tiveram uma terça-feira contrastante. Os sul-coreanos conseguiram vencer a Itália na prorrogação depois do empate em 1 a 1 no tempo normal e se classificaram pela primeira vez para as quartas-de-final. A classificação detonou uma comemoração nunca vista no país com mais de quatro milhões de pessoas nas ruas. Já o Japão entrou em comoção depois de perder por 1 a 0 para a Turquia e sair do Mundial. A derrota provocou lágrimas em jogadores, técnico e torcedores no país. A partir de agora, os

japoneses passam a assistir à festa dos outros (ZERO HORA, JORNAL DA COPA, 19/06/2002, p. 06 e 07).

Dois textos mostram os momentos opostos pelos quais os países passavam naquele momento. “A Ásia sorri” falava da vitória coreana, num jogo cheio de emoções, que começa com um pênalti perdido pelos orientais logo no início da partida e a Itália saindo na frente no placar. O texto destaca o fanatismo coreano e os gritos de “Daehan Minguk” (República da Coreia) que os levaram até o empate aos 43 minutos do segundo tempo. A apoteose foi o gol de ouro coreano que classificou o país.

Já “A Ásia chora” tratava da eliminação japonesa. O choro mencionado na manchete não foi exagero. O texto cita que até o técnico da seleção do Japão, o francês Philippe Troussier, não se conteve após o jogo, tendo que interromper a entrevista coletiva para enxugar as lágrimas.

No dia 20 de junho a capa do Jornal da Copa dizia em sua manchete que a madrugada seguinte seria “A mais longa das noites”. Primeiro porque seria o início do inverno, e – conseqüentemente – a noite mais longa do ano. Segundo porque às 3h30min o Brasil enfrentaria a Inglaterra. “O jogo mais esperado da Copa”, dizia Zero Hora.

As atenções do jornal estavam voltadas para o brasileiro Ronaldo e o inglês David Beckham, lembrando que ambos por pouco não ficaram de fora da Copa por causa de contusões. O brasileiro, que naquele momento dividia a artilharia da Copa com o alemão Klose com 5 gols, era descrito como um grande finalizador, “o homem que aflige a defesa adversária com sua potência muscular e técnica”, dizia. Beckham era mostrado como o organizador do time inglês, de grande movimentação em campo, “tanto pode aparecer na defesa, dando chutão para a frente, como também no ataque abastecendo seus companheiros com cruzamentos cheio de efeito”, afirmava.

O caderno que vinha encartado na edição do dia 21 de junho de 2002 (2ª Edição) trazia em sua capa as duas possibilidades para a partida entre brasileiros e ingleses, que ocorreu nas primeiras horas daquele dia. Dizia “Vitória – Rumo ao Penta” ou, virando de cabeça para baixo, “Derrota – De volta para a casa”.

Quando você começar a ler este Jornal da Copa, o destino do Brasil e Inglaterra no 17º Mundial da história já estará traçado. O fenômeno Ronaldo estará sorrindo como o Brasil. Ou cabisbaixo, como em 1998 (ZERO HORA, JORNAL DA COPA, 21/06/2002, p. 01).

As páginas seguintes seguem o mesmo estilo. Olhando na maneira normal, as notícias de uma vitória brasileira. Virando o jornal, a derrota brasileira. São quatro páginas que tratam cada uma de um assunto de maneira oposta. A primeira delas diz “A batalha de Shizuoka¹”. A parte que comentava a vitória do Brasil dizia “A família vai a Saitama²”, e comentava que o país estava a dois passos do seu quinto título, além de dizer que o técnico Luiz Felipe conseguiu derrotar a equipe mais respeitada desta Copa e a mais bem cotada em todas as bolsas de apostas, segundo o jornal. Girando a folha, tínhamos “A despedida da família”. Onde dizia que, com a eliminação, a trajetória de muitos jogadores acabou naquela madrugada, e uma renovação no grupo era necessária. Um dos nomes apontados pelo jornal erro o do capitão Cafu, que aos 32 anos havia encerrado seu ciclo na Seleção. Entretanto, alguns jogadores mais novos poderiam ser a base da seleção, como Ronaldo, Ronaldinho, Denílson e Kaká.

Outro assunto era “O futuro de Felipão”. Dizendo de um lado que, com a vitória contra a Inglaterra, a imagem do técnico Luiz Felipe melhora sensivelmente na mídia e no país. Zero Hora afirmava que não havia como não enxergar méritos em um homem capaz de pegar um time em frangalhos, à beira do fiasco nas Eliminatórias, e levá-lo até a semifinal de um mundial. Abaixo, e ao contrário, o texto falava que, com a eliminação, o futuro do técnico no comando da Seleção Brasileira vira uma incógnita, com mais chances para a demissão. O jornal ainda acrescenta que os méritos de recolocar Rivaldo e Ronaldo em suas melhores condições ficavam ofuscados, e que a decisão de não convocar Romário ganhava contornos de erro.

“O próximo destino” era mais um assunto tratado. “Doce Saitama” comentava os atrativos da próxima cidade que o Brasil jogaria, nas semifinais da Copa. O texto contava algumas características da província, como o fato de ser conhecida como “Terra das Cores” por causa se suas flores, a idolatria pelo ex-Beatle John Lennon, e o seu famoso chá verde. Enquanto “Amargo desembarque” falava que a história

¹ Nome da cidade do Japão onde foi realizada a partida entre Brasil e Inglaterra.

² Nome da cidade do Japão onde seria realizado o jogo da semifinal.

mostra que os brasileiros sabem entender quando a Seleção perde jogando bem e não perdoa a derrota que coroa o mau futebol, relacionado os últimos desembarques do Brasil depois de Copas.

O último destaque do confronto entre Brasil e Inglaterra chamava-se “Perto da Glória”. Do lado que comemorava a vitória brasileira, o jornal passava a indicar Rivaldo e Ronaldo como os mais fortes candidatos a craques da Copa 2002, afirmando que os dois vinham sendo decisivos na campanha do país. “Com Ronaldo, Rivaldo e mais o gaúcho Ronaldinho, o trio dos erres, o sonho do penta está cada vez mais próximo”, dizia. Caso a vitória fosse inglesa, o destaque ficava para Beckham e Owen, que para o jornal significavam chance concreta de chegar ao título.

No dia seguinte quem estampava a capa de Zero Hora era o gaúcho Ronaldinho, com uma foto sua comemorando o gol marcado contra os ingleses, na legenda: “Craque gaúcho garantiu a vitória por 2 a 1 sobre a Inglaterra que colocou o Brasil nas semifinais”. Era ele também o personagem capa do caderno da Copa, com uma foto sua abraçando Rivaldo e a manchete “Boa, guri”.

O agradecimento ao jogador se dava pela dificuldade encontrada contra os ingleses e os lances de sua autoria que deram a vitória ao Brasil. Antes deles, a seleção saíra atrás do placar, quando o zagueiro Lúcio não consegue interceptar um lançamento – devia ter “zagueirado” dizia a matéria citando a expressão do próprio técnico Scolari – e o atacante inglês Owen fica livre para marcar 1 a 0. Nos acréscimos do primeiro tempo, Ronaldinho arranca da intermediária brasileira, passa pelos zagueiros e encosta para Rivaldo empatar a partida. “Alívio”, dizia o texto. O gol da virada sai mais uma vez dos pés do gaúcho, quando cobra uma falta de longe, que surpreende o goleiro inglês Seaman ao fazer uma curva e entrar no ângulo. Minutos depois ele acaba sendo expulso por falta violenta, deixando o país com um a menos em campo. No texto, David Coimbra ressaltou a forma como o país se defendeu e a agonia pela espera do final da partida.

O jogo não terminava nunca. Mas o Brasil soube se defender. O Brasil foi bravo, decidido, forte. Foi o Brasil de Felipão. Que segue em frente. Rumo a Yokohama. Rumo ao pentacampeonato do mundo (ZERO HORA, JORNAL DA COPA, 22/06/2002, p. 02).

Zero Hora também destacou o clima entre as torcidas na província de Shizuoka, local da partida. “Era como um dia de Gre-Nal” dizia a manchete, pela divisão das torcidas. Conforme o jornal, cerca de 10 mil brasileiros viviam na região, enquanto o time mais amado no Japão era o Manchester United, time do inglês David Beckham. Assim, o texto afirma que pelo menos nas arquibancadas se viu um empate justo.

O jornal também relatou alguns dos principais momentos da partida. São descritos oito lances de ataque brasileiro e seis ingleses, além da expulsão de Ronaldinho e a substituição de Ronaldo por Edílson, vaiada pela torcida segundo o jornal. Para esclarecer melhor a partida há também uma tabela dos principais números do jogo: chutes a gol, chutes fora, escanteio, faltas cometidas, passes errados, impedimentos, chutes de dentro da área, chutes de fora da área, cruzamentos e conclusões de cabeça.

Do adversário do Brasil, o jornal diz que a Inglaterra não apresentou nenhuma novidade tática. A estratégia era simples, forte marcação e lançamentos para os atacantes, assim surgiu seu gol. Segundo contou o jornal, mesmo após a expulsão de Ronaldinho os ingleses não levaram. O desempenho do árbitro mexicano, Felipe Ramos, foi citada como discreta, agindo com correção ao expulsar o jogador brasileiro.

O segundo gol do Brasil, de Ronaldinho, mereceu um destaque especial, recebendo a manchete de “O gol que abalou o Reino”. O texto ressalta a tristeza do goleiro inglês: “Quero pedir desculpas aos torcedores”. Ídolo de seu clube, e com 73 jogos pela seleção, o jornal cita que ele estaria encerrando sua carreira aos 38 anos. “São lances assim que arrasam um goleiro”, era outra frase do goleiro citada. Os méritos da jogada Ronaldinho diz dividir com Cafu, que o teria alertado que o goleiro inglês jogava adiantado, ao contrário do que muitos pensaram, achando que havia sido uma tentativa de cruzamento.

Enquanto o Brasil se preparava para enfrentar a Turquia mais uma vez, só que agora pelas semifinais, os erros de arbitragem repercutiam no jornal. No dia 24 de junho, o assunto era matéria de capa do caderno e da sua página central. As falhas apresentadas pelos árbitros durante o Mundial foram gritantes para Zero Hora. O estopim para as reclamações havia sido a arbitragem do egípcio Gamal

Ghandour na partida entre Coréia do Sul e Espanha, pelas quartas-de-final. O árbitro teria anulado dois gols legítimos dos espanhóis e deixou o goleiro coreano se avançar em uma das cobranças de pênalti que decidiram o jogo. Segundo o jornal, sua atuação foi uma aula de como não se deve apitar uma partida. Zero Hora cita alguns outros jornais internacionais que falavam até em conspiração em favor da Coréia. O mesmo discurso dos espanhóis foi também adotado pelos italianos na sua partida com os asiáticos.

Além da Coréia do Sul, o jornal coloca o Brasil com a outra seleção que acabou sendo beneficiada por erros da arbitragem, lembrando que no primeiro jogo – contra a Turquia – o atacante brasileiro Luizão sofreu falta fora da área, e o juiz marcou pênalti, onde o Brasil conseguiu marcar o gol da virada. Também foi citado a partida pelas oitavas-de-final, contra a Bélgica, quando o árbitro da partida anulou um gol legal dos belgas quando o jogo estava 0 a 0, marcando falta do atacante europeu disputa a bola no ar com o zagueiro brasileiro.

Luiz Zini Pires escreve que o primeiro Mundial disputado longe da Europa e da América entrou para a história como a Copa dos erros de arbitragem, criticando os critérios de escolha dos árbitros pela Fifa. O ex-árbitro, que apitou na Copa de 1994, e comentarista da TV Globo, Renato Marsiglia, escreve uma coluna no caderno admitindo que é uma situação desconfortável, e que os erros estavam influenciando em partidas decisivas da Copa. Ele também critica o sistema de escolha dos árbitros, mas ressalta que um dos motivos de se encontrar tantos erros é a tecnologia das transmissões, com suas 18 câmeras de TV ao redor do campo flagrando qualquer deslize.

As atenções sobre a Seleção Brasileira estavam sobre quem seria o substituto de Ronaldinho, expulso contra a Inglaterra. No dia da semifinal, 26 de junho, ainda anuncia as dúvidas que o técnico Scolari tinha para a posição do meio-de-campo brasileiro. A aposta do jornal era a volta de Juninho ao time, que havia perdido o lugar para Kléberson no jogo contra os ingleses. O técnico havia treinado com os três substitutos possíveis: Juninho, Denílson, Edílson e Ricardinho. Para Zero Hora, a vantagem de Juninho era a sua maior semelhança no estilo de jogo com Ronaldinho, ajudando na marcação e fechando no meio para liberar mais Rivaldo para o ataque. O jornal era enfático: “Luiz Felipe faz seus mistérios. Treinou

com Denílson e Edílson, mas usará Juninho”. Porém, quando o Brasil entrou em campo no gramado de Saitama quem aparecia no time era Edílson.

A capa do Jornal da Capa no dia contou com a colaboração do músico regionalista Gaúcho da Fronteira, que escreveu um texto para animar a torcida para o jogo que ocorreria naquela manhã, como dizia o título: “Desperta, Rio Grande”.

Levanta gauchada, que o galo já cantou e é dia de jogo do Brasil! Esquentar a água mais cedo, te abanca na frente da tevê e torce como nunca contra esses turcos. Se a partida estiver braba e tu ficar mais inquieto que pulga de tapera, bota três ou quatro folhas de erva-de-cidrô no mate e te acalma. Se quiser, dá até para assar uma paletinha de ovelha, porque, como se diz na Campanha, hoje vamos ver onde os turcos estão acampados, se eles têm bala na agulha. Não deve ser barbada, vamos ter que pelear para levar esta. Com o mundo inteiro triste, ganhar esta Copa é como achar agulha num palheiro, motivo de festa das grandes, meu amigo. Por isto, nós estamos aí, de coração novo, lambendo espoleta com todos os gaúchos em busca do Penta (ZERO HORA, JORNAL DA COPA (26/06/2002, p. 01).

A segunda vitória do país sobre a Turquia – e sexta do Brasil na competição – colocou frente a frente as duas seleções que mais chegaram a decisões do Copa do Mundo: Brasil e Alemanha. Mesmo assim, a final do Mundial de 2002 seria um jogo inédito na história das Copas. A manchete da capa de Zero Hora do dia 27 de junho daquele ano dizia que seria a maior de todas as finais, e que no domingo próxima aconteceria o jogo mais espetacular em 72 anos de Copa. A foto que ilustrou a capa daquela edição mostrava a bola no fundo das redes após o gol de Ronaldo.

O gol que deu a vitória ao Brasil também era a foto de capa do Jornal da Copa. Só que no encarte o destaque é para Ronaldo, chutando com o bico de sua chuteira a bola no lance do gol. Por isso a manchete: “Chuteira de Prata, Bico de Ouro”. O gol decisivo ainda foi lembrado nas páginas seguintes, sendo descrito como sutil e com classe. O texto ainda cita a frase de Ronaldo dita depois da partida, quando afirmou que o pesadelo havia acabado, se referindo aos dois anos que passou lesionado, quando foi considerado por muitos especialistas como um ex-jogador.

O relato da partida mostra que a Turquia começou melhor na partida, com perigosos ataques ao gol defendido pelo goleiro brasileiro Marcos. Como também

pode-se perceber pela descrição dos principais momentos da partida, que mostrava que as três primeiras oportunidades de gol foram turcas. Somente após dos 20 minutos do primeiro tempo o Brasil conseguiu criar mais chances de gol. Até o começo do segundo, quando foi marcado o gol brasileiro. Uma vitória classificada pelo jornal como “com a cara de Felipão”.

Classificando a Seleção para a final, um dos personagens principais do Brasil é o técnico Luiz Felipe. Zero Hora mostra no dia 28 de junho de 2002 o orgulho dos gaúchos pelo conterrâneo e a disputa entre as cidades de Canoas (onde o técnico residia), Passo Fundo (sua nasceu) e Caxias do Sul (onde começou a jogar futebol). Na capa do jornal, as decoradas passarelas sobre a BR-116 em Canoas com a inscrição “Canoas tem Felipão”. A capa do Jornal da Copa - com a manchete de “Felipão mania” – ficava para Passo Fundo, com uma caricatura sendo desenhada por uma artista local.

Ainda restando três dias de competição (as duas decisões, de 3º e 1º lugar) o jornal já faz uma retrospectiva das lembranças que ficariam daquela Copa. Uma delas foi o “renascimento” de Ronaldo, que mostrou estar clinicamente recuperado. “Independente do título, Ronaldo venceu sua Copa. Ele já é um campeão”, dizia. Mesmo destacando o desempenho do atacante brasileiro, para o jornal outro ponto importante do Mundial foi a falta de um grande craque.

Como já havia citado em edições anteriores, a arbitragem também foi uma marca da Copa da Ásia, infelizmente pelos seus erros. A culpa, porém, era creditada a Fifa, e seus critérios políticos na escolha dos árbitros. Um dos pontos foi chamado de “As majestades”, se referindo aos estádios onde se realizaram os jogos e o abismo com a realidade brasileira: “Nunca uma Copa teve tão bons estádios, nem gramados tão perfeitos para a prática do futebol. Vendo a Copa, os do Brasil parecem ferro-velho”, dizia.

O desenvolvimento do futebol, se espalhando para novos continentes foi citado pelo jornal. A vibração da torcida coreana também foi destacada como uma das lembranças da competição. Assim como as grandes decepções que foram as seleções da Argentina e França e as atuações apagadas de jogadores que haviam

sido considerados os melhores¹ nos anos anteriores, como o francês Zidane e o português Figo, com a exceção ficando para Rivaldo e Ronaldo. Outro destaque foi a seleção de Senegal, uma das surpresas da Copa, que – enquanto as esperanças africanas era Camarões e Nigéria – foi a estreante em Mundiais que chegou até as quartas-de-final. O último ponto foi a grande final entre Brasil e Alemanha, mesmo antes de acontecer.

Ainda faltam 48 horas para a grande final, mas o jogo entre Brasil e Alemanha está sendo tratado no mundo inteiro como que pode salvar a primeira Copa do Mundo disputada longe da América e da Europa. As duas melhores e mais competitivas escolas de futebol do planeta se enfrentam depois de 72 anos. Cada uma tem sete decisões no currículo, embora a Seleção tenha quatro títulos contra três. Vitória de um ou de outro, jogo bom, jogo ruim, juiz competente ou incompetente, pouco importa. O que vale é o primeiro encontro dos dois times (ZERO HORA, JORNAL DA COPA, 28/06/2002, p. 09).

No domingo, 30 de junho de 2002, o destaque na capa de Zero Hora era para Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho, anunciando que no ritmo do que se popularizou como os três erres o país despertaria naquele dia para o sonho do Penta em realidade na “superfinal” – conforme descrevia – contra a Alemanha.

Na edição dominical do jornal, novamente o técnico Luiz Felipe Scolari ganhou destaque, dessa vez no espaço reservado à reportagem especial de Zero Hora, as páginas 4, 5 e 6, onde é feito um perfil a seu respeito. O texto conta com relatos de familiares do treinador, amigos, ex-colegas e dirigentes.

Da mesma forma, era o “Felipão” o personagem da capa do Jornal da Copa, com uma foto sua que ocupava também a contra-capas. Na capa, a parte da foto do técnico era o seu braço estendido, com a manchete “Com a mão no Penta”. Na contra-capas David Coimbra lembra um pouco mais da história de Scolari. Começa relatando o início de sua carreira como técnico no Brasil de Pelotas, e o começo de sua amizade com o preparador físico Flávio Teixeira, mais conhecido pelo apelido de Murtosa. Segundo Coimbra, a lealdade de um com o outro fez com que ele se tornasse o braço-direito de Luiz Felipe, acompanhando o técnico até a Seleção

¹ A cada ano a Fifa escolhe o melhor jogador daquela temporada. Em 2001, o título foi para Figo. Em 2000 e 1998: Zidane. Em 1999: Rivaldo. E Ronaldo em 1997 e 1996.

Brasileira, como seu auxiliar. Lealdade que, conforme o texto, era a mesma que o técnico tinha com o seu grupo de jogadores.

Para tratar do jogo final daquela Copa, todos os detalhes foram descritos. Desde o palco: o moderno Estádio de Yokohama. Segundo o jornal, uma imponente estrutura de concreto e aço que consumiu US\$ 600 milhões para oferecer ao público e aos jogadores confortos inimagináveis. Com a ajuda de um infográfico, o estádio foi descrito desde o seu estacionamento, passando pelos vestiários e arquibancadas, até o gramado.

Além do confronto entre Brasil e Alemanha, um outro duelo era esperado para aquela decisão: o goleiro alemão Kahn e o atacante brasileiro Ronaldo. O “King Kahn”, expressão usada pela imprensa e torcida alemão para se referia ao goleiro foi usada por Zero Hora para a manchete do texto que falava a seu respeito. Com apenas um gol sofrido em toda a competição até a final, ele havia sido escolhido não só como o melhor goleiro da Copa, mas também o melhor jogador. Entretanto, o seu maior desafio seria a decisão, quando encontraria na sua frente a dupla de atacantes mais perigosa daquele campeonato, com Ronaldo e Rivaldo.

Ronaldo – ou “Ronalgol”, como dizia a manchete sobre ele – já tinha vencido a sua Copa pessoal. Com seis gols naquele Mundial ele já era o segundo maior artilheiro do Brasil em Copas. Seu grande mérito era a sua recuperação nos últimos dois anos. Aos 25 anos, ele chegou à Ásia desacreditado como o Brasil. E, naquele momento, se aproximava do principal título de sua carreira. Como dizia o texto, é um homem predestinado, que merece ser respeitado e reverenciado por sua dedicação e simplicidade.

Para saber mais detalhes do adversário brasileiro, Zero Hora consultou três jogadores que conheciam bem o futebol germânico. Um deles era Jorginho, ex-lateral da Seleção Brasileira que jogou por oito anos em clubes alemães, que ressaltou que os brasileiros deveriam usar a sua criatividade e habilidade para o drible para superar os alemães. Paulo Rink, que se naturalizou alemão, chegando a jogar oito partidas com a camisa da seleção da Alemanha, pediu paciência contra a dura marcação dos europeus. Lincoln, ex-meia do Atlético-MG, alertou para a força do jogo aéreo alemão, principalmente para o atacante Klose, que já havia marcado

cinco gols no Mundial, todos de cabeça. O alerta era para se ter todo o cuidado no que o jornal chamou de “o maior jogo de todos os tempos”.

O aguardado duelo entre Kahn e Ronaldo acabou com a vitória do brasileiro. Dois gols seus deram o quinto título mundial ao Brasil. Com seus dois gols ele igualou a marca de Pelé como o maior artilheiro em Copas, com 12 gols¹. Com a foto de Cafu levantando a taça, a capa de segunda-feira após o jogo, 1º de julho, agradecia ao técnico gaúcho Scolari. DUARTE e AMARO descreveram assim a capa no jornal naquele dia:

O mais importante jornal do Estado agradece na manchete a conquista do Penta e o trabalho do técnico conterrâneo: “Obrigado, Felipão”. Reforçando ainda mais o caráter regional da nossa imprensa, escreve que o Rio Grande prepara homenagens para os gaúchos da família do técnico pentacampeão (DUARTE e AMARO, 2003, p. 45).

As comemorações ao redor do mundo pelo título brasileiro ilustram o espaço da reportagem especial do jornal (páginas 4 e 5), mostrando como nunca antes o Brasil foi tão amado. São fotos de diversos lugares ao redor do planeta com pessoas celebrando a conquista, desde crianças na Índia com o cabelo igual ao de Ronaldo, até grande centros mundiais como Paris, Londres, Roma e Los Angeles. Assim como a festa em lugares onde o futebol é de pouca expressão, como Taipei (em Taiwan), Amã (na Jordânia), Beirute (no Líbano), entre outros.

“Brasil cinco estrelas” era a manchete que contava a história do jogo. Uma vitória, segundo o jornal, que começou com a inteligente estratégia de Scolari, adiantando o volante Kléberson. A proposta dos alemães era os contra-ataques e cruzamentos para a área. Mas a defesa do Brasil foi descrita como segura e sólida. Até que Ronaldo apanhasse o rebote do goleiro Kahn e abrisse o placar. Jogando na defesa e esperando os contra-ataques que os alemães deixavam, o Brasil ainda aumentou o marcador com mais um gol de Ronaldo em jogada de combinação com Rivaldo. Uma foto de página inteira trazia Ronaldo comemorando seu primeiro gol e Kahn caído no gramado, como dizia a legenda: “O carrasco e sua vítima: Kahn, a muralha alemã, beija a grama de desgosto após falhar no primeiro gol de Ronaldo, que corre para comemorar”. Na cotação dos jogadores, todos ganharam nota 9, a exceção foi Ronaldo, com 10. Sobre os alemães foi dito que seu futebol pragmático

não foi o suficiente para impedir o quinto título do Brasil. A respeito do árbitro italiano Perugi Collina, foi descrito como sério, seguro e bem colocado.

A figura do técnico Scolari, o “Felipão” ainda seria mais trabalhada pelo jornal, citando algumas declarações suas após a partida. “Felipão sociólogo”, ao dedicar a vitória ao povo brasileiro, colocando a conquista como um exemplo de perseverança e determinação. “Felipão estrategista”, ao explicar a utilização de Juninho no início do campeonato para reconquistar o respeito dos adversário, após as derrotas nas Eliminatórias e na Copa América. “Felipão ofensivista”, ao elogiar a defesa num time com uma das melhores médias de gols de um técnico na Seleção. “Felipão emotivo”, ao se emocionar e chorar durante a entrevista, lembrando de seu filho. “Felipão aliviado”, ao contar das dificuldades enfrentadas contra os alemães. E, por último, “Felipão de amanhã”, sobre o futuro indefinido do treinador.

Se a festa pelo pentacampeonato brasileiro ao redor do mundo foi mostrada nas páginas 4 e 5, o Jornal da Copa trazia as comemorações no Estado. Numa manhã de chuva em Porto Alegre, Zero Hora registrou a festa não só na Capital, mas também em Canoas – em frente ao edifício onde Scolari mora –, Passo Fundo, Santa Cruz do Sul, Estrela e Santana do Livramento.

Um perfil dos 23 jogadores que representaram o país na Ásia também foi publicado pelo jornal. De cada um, era mostrando o nome completo, idade (local de nascimento e data), altura, peso, clubes e um rápido histórico da sua carreira.

Com o pentacampeonato conquistado, Zero Hora já pensava no hexa, já fazendo previsões a partir do que se viu na Coréia do Sul e no Japão. Entre o que buscar, o jornal ressaltava uma renovação nas laterais, já que Cafu e Roberto Carlos estariam com mais de 33 anos na Alemanha, em 2006. Na zaga, o problema citado foi a falta de alternativas para substituir Lúcio, Roque Júnior e Edmílson, que – mesmo começando mal a Copa – se recuperaram no final. Além disso, a idade também seria um peso para Rivaldo, mas ele já se encaminhava para a aposentadoria e o Brasil deveria pensar em seu substituto no ataque, ao lado de Ronaldo. De afirmações na Copa, o jornal destacou o goleiros Marcos, os volantes Gilberto Silva e Kléberson, e Ronaldinho e Kaká para o meio-campo, este último, mesmo jogando poucos minutos, ainda tinha idade para crescer na Seleção.

¹ Somados aos 4 (quatro) que ele já tinha marcado na Copa do Mundo de 1998, na França.

O jornal também dividiu o grupo de jogadores em três, de acordo com o seu desempenho no Mundial: “Quem subiu”, “Quem desceu” e “Na mesma”. Basicamente os onze jogadores que terminaram a Copa como titulares formavam o grupo dos “Quem subiu”, o único reserva apontado foi Júnior, que ganhou uma única oportunidade contra a Costa Rica e teve boa atuação. Os classificados como “Quem desceu” eram os jogadores que não aproveitaram a titularidade quando a tiveram, foram eles: Juninho Paulista, Edílson, Anderson Polga e Luizão. O restante do grupo, pouco atuaram na competição, mesmo assim, ainda poderiam ser aproveitados na Seleção, sendo considerados como “Na mesma”.

6 COMPARAÇÃO ENTRE AS DUAS COBERTURAS

As coberturas de Copas do Mundo constituem-se em evento máximo para o jornalismo esportivo. Ainda mais quando tratamos do Brasil, onde o esporte tem proporções semelhantes à uma religião, tamanha a sua popularidade.

Em 1970, Zero Hora chegava apenas a sua segunda Copa do Mundo. Como o acesso à televisão ainda era muito restrito, foi pelos jornais que grande parte da torcida aqui no país pode ver os jogadores da Seleção Brasileira nos gramados mexicanos.

Trinta e dois anos depois, em 2002, Zero Hora já figurava como o maior jornal da região Sul do Brasil, e um dos maiores do país. E nesse momento, o acesso aos outros meios de comunicação já era muito mais difundido. Desde o rádio, a televisão – agora também por assinatura e com o acesso a canais exclusivamente de esportes – e até um novo meio, que foi o surgimento da Internet. Na Copa do Mundo da Ásia, Zero Hora foi parte da cobertura realizada pelo Grupo RBS, que também contava com a Rádio Gaúcha e a RBS TV, além do site de notícias ClicRBS.

Ao colocar lado a lado as duas épocas do jornal, a primeira diferença que salta aos olhos é a parte gráfica. No início do século XXI, a diagramação dos jornais ganhou recursos que ajudam o jornalista a explicar um assunto, seja através de fotos trabalhadas digitalmente, infográficos, entre outros. Ao invés das radiofotos usadas na década de 1970.

Sobre a cobertura jornalística em si, a forma como as notícias eram contadas também mudou. Em 1970, por exemplo, praticamente cada minuto do jogo era recontado pelo jornal no dia seguinte, desde a saída de bola no primeiro tempo até o apito final do juiz. Os minutos eram recontados como se fosse a própria narração do jogo, descrevendo cada lance da partida.

Três décadas depois, a prática ainda aparece eventualmente no relato de uma partida, só que agora ela é resumida para apenas os principais momentos do jogo, em especial os ataques com algum perigo de gol, ao invés de jogadas sem maior importância para o jogo, como algum desarme do defensor ou apenas a marcação de um escanteio, como era visto anteriormente.

Tomamos por exemplo a partida da semifinal da Copa do México, entre Brasil e Uruguai, e a da semifinal da Copa do Japão e da Coréia, entre Brasil e Turquia. A descrição minuto-a-minuto da partida de 1970 narra acontecimentos de 60 dos 90 minutos da partida. Em 2002 essa descrição se restringe apenas aos principais lances de ataque, basicamente arremates ao gol. Daquela partida, são selecionados apenas 20 lances.

Além disso, a cobertura de Zero Hora da Copa de 1970 trazia um padrão curioso, o de contar como foi a partida de duas formas diferentes: uma tendo como protagonistas os brasileiros, e outra com o adversário sendo o personagem principal. O relato minuto-a-minuto, por exemplo, era contado duas vezes, praticamente repetindo o texto, apenas mudando o jogador enfatizado. Tomando por exemplo novamente a edição do jornal que fala da vitória brasileira sobre os uruguaios, aos 21 minutos do segundo tempo, em uma jogada do brasileiro Everaldo com o uruguaio Ubinãs, o texto que enfatiza os brasileiros diz “Everaldo faz o estádio vibrar: jogada de classe”, enquanto o mesmo minuto é descrito na página seguinte apenas como “Ubinãs escapa, Everaldo desarma”. Ou ainda, o gol brasileiro de Jairzinho no goleiro Mazurkiewicz naquela mesma partida. Descrito como “Tabelinha Jair-Tostão e Jairzinho invade a área marcando o segundo do Brasil” e também como “Mazurkiewicz atira-se, mas o chute de Jairzinho é fatal: Brasil, dois a um”.

Essa divisão entre o Brasil e o seu adversário não ficava apenas na descrição da jogadas da partida. Praticamente toda a cobertura seguia esse padrão. Era destacado o desempenho de um jogador do Brasil e um do adversário. A atuação Brasil era analisada em uma página, e na seguinte, a do outro time.

O que se percebe em 2002 já é bem diferente. A notícia principal, com as informações mais importantes do jogo, é passada seguindo as regras do lead¹. Além dela, algum aspecto especial da partida poderia ser destacado: seja um gol mais bonito ou surpreendente (como o de falta Ronaldinho contra a Inglaterra e o de Ronaldo na semifinal contra a Turquia, ambos merecendo um texto em separado)², a

¹ Segundo PENA (2005, P. 42), relato sintético do acontecimento respondendo logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas do leitor: o quê, quem, como, onde, quando e por quê.

² Edições de Zero Hora dos dias 22 e 27 de junho de 2002, respectivamente.

atuação de um jogador em especial (como a de Ronaldo e Júnior contra a Costa Rica)¹.

Entretanto, ao comparar as duas coberturas, também podemos encontrar situações que se repetem em ambas épocas. Assim como em 1970, em 2002 também é dada uma atenção especial à torcida pelo Brasil aqui no Estado. Isso demonstra o destaque que o jornal sempre busca dar para as notícias locais. Não bastava apenas mostrar a vitória da Seleção Brasileira a milhares de quilômetros de distância, mas também era preciso mostrar o reflexo disso para o povo gaúcho que acompanhava tudo daqui.

Em 1970, desde o primeiro jogo da Copa, Zero Hora fazia questão de mostrar como as pessoas no Estado estavam acompanhando o Mundial. Como o jogo de abertura daquela Copa, entre México e União Soviética, que no dia seguinte o jornal trouxe uma matéria falando como os porto-alegrenses puderam presenciar pela primeira vez um jogo de Copa ao vivo, seja no Palácio Piratini – com o governador Peracchi Barcelos –, seja na Praça da Alfândega – através dos aparelhos de televisão instalados por Zero Hora e a TV Gaúcha.

Após a primeira vitória brasileira no México, o jornal também lembrou da torcida feita daqui, dizendo que, enquanto muitos brasileiros vibravam em Guadalajara, em Porto Alegre alguns milhares de pessoas também viram o jogo como se estivessem em estádio, assistindo a partida no auditório Araújo Viana.

Passando para 2002, também é possível encontrar a repercussão no Rio Grande do Sul dos jogos ocorridos do outro lado do mundo. Após os jogos do Brasil naquele Mundial, as comemorações feitas no Estado eram destacadas pelo jornal. Como depois o jogo com a Turquia que decidiu a vaga para a final, onde além da angústia registrada pelo jornal nas ruas e clubes em Porto Alegre, onde a torcida se reuniu para acompanhar a partida, foi mostrada a festa após o jogo. Ou até o infortúnio de universitários que tiveram que realizar provas na faculdade no horário do jogo. Até a capa de Zero Hora após a conquista do Penta trazia uma referência ao Estado, dizendo “RS vibra com vitória e prepara homenagens para gaúchos da família Scolari”, além da contra-capas, que mostrava torcedores comemorando o título no Monumento ao Lajador, em Porto Alegre.

¹ Edição de Zero Hora do dia 14 de junho de 2002.

E não apenas as comemorações após as sete vitórias do Brasil foram destacadas, mas também ganharam espaço os preparativos que a torcida gaúcha fazia para assistir aos jogos naquelas madrugadas de junho. Na véspera do confronto com a Inglaterra, pelas quartas-de-final, o jornal trazia algumas táticas que os torcedores iriam adotar para enfrentar a noite mais longa do ano, quando se iniciava o inverno. Entre as estratégias citadas estavam churrascos, sopas e vigílias diante da televisão, além disso, também havia o serviço de locais para os torcedores acompanhar o jogo, como bares e danceterias.

A coruja mascote da Copa, criada pela RBS, também mostrou no jornal a torcida infantil no Estado. Por diversas vezes ela aparecia nas páginas do jornal fazendo visitas a escolas e hospitais, no que era referido como “Blitz da Torcida Coruja”. A iniciativa era a realização de visitas-surpresa e a distribuição de adesivos e brindes aos torcedores mirins.

Na Copa da Ásia, o jornal também se preocupou em apresentar aos seus leitores mais informações sobre os adversários do Brasil além dos atributos dos seus onze titulares, seu esquema tático e seus pontos fortes e fracos. Zero Hora buscou trazer algo além das quatro linhas do campo. Apresentado também o país, além da seleção. De cada oponente brasileiro, era apresentado a localização do país, sua capital, população, idioma, religião, expectativa de vida, principais produtos e atividades, entre outros.

Antes da estréia brasileira na Copa, contra a Turquia, o jornal apresentou o caso do turco Robert Sidi, de 54 anos, 36 deles vivendo no Brasil, que confessa que iria torcer pelos brasileiros. O editor-chefe do Diário Gaúcho na época, Cyro Silveira Martins Filho, que conheceu a Turquia em 1997, traz naquele dia o depoimento sobre sua visita ao país. Quando os dois países se encontraram novamente nas semifinais, Zero Hora comentou uma polêmica a respeito da seleção turca, sobre um conflito entre os muçumanos ortodoxos e não-ortodoxos do time. Para explicar a situação, o jornal trouxe uma entrevista com o historiador Voltaire Schilling¹, esclarecendo que as revoluções ocorridas no século passado desvincularam o Estado turco da religião muçumana, o que ainda não havia sido bem compreendido pelos ortodoxos.

¹ Professor de História, articulista da Zero Hora na página de “Opinião” e colaborador do Caderno de Cultura.

Assim como o turco Robert Sidi, o jornal também apresentou dois belgas que estavam no Estado antes da partida das oitavas-de-final, só que esses, apenas de passagem. Era uma dupla de artistas que estavam participando do Festival Internacional de Bonecos de Canela, Patrick Bonté e Bernard Silovy, que acreditavam na vitória belga mesmo não escondendo a admiração pelo futebol brasileiro. Na ocasião, mais um vez um jornalista do grupo RBS que conheceu o país do adversário brasileiro trouxe o seu depoimento. Apresentador de programas tanto na RBS TV como na TVCOM, Túlio Milman já havia visitado a Bélgica, e comenta no jornal a limpeza da sua capital, Bruxelas, e a qualidade das cervejas do país. A fórmula também se repetiu quando os brasileiros confrontaram os ingleses, quando a produtora de cinema e TV Luciana Tomasi contou a sua passagem pela capital Londres em 1980 e 2001.

Ao contrário da Copa do México em 1970, na Ásia a cobertura se caracterizou por ir além dos aspectos de dentro do campo. O que acontecia fora dos estádios também era mostrado para o leitor, especialmente os costumes mais diferentes da tradição ocidental, como as crônicas assinadas por David Coimbra na contra-capa do Jornal da Copa. Apresentando peculiaridades locais como, por exemplo, uma cerimônia na Coréia do Sul para abençoar um carro novo, com um banquete composto de cabeça de porco assada, bolo de arroz, peixe frito, massa, entre outras iguarias.

O colunista, editor-executivo de Esportes do jornal, também quis mostrar como vive um trabalhador de classe média na Coréia do Sul. Para isso, visitou o apartamento de um escriturário da fábrica de automóveis Hyundai, que vivia com sua mulher e um casal de filhos. No local, ele ressalta o ato de tirar os sapatos ao entrar no apartamento, a coleção de pedras, o chão aquecido, a refeição servida numa mesa de 20cm de altura e até a educação dos filhos.

Até mesmo o vaso sanitário de um dos hotéis por qual o jornalista passou no Japão foi fruto para uma crônica, “a patente do nosso hotel de Hamamatsu é gloriosa, não há outro adjetivo para defini-la”, dizia ele, comentando o painel de controle que ela possuía e os botões que acionavam jatos d’água.

Uma das raras vezes que Zero Hora ousou fugir dos atributos de dentro do campo em 1970 foi no perfil dos campeões do mundo. Ali sim o jornal deu algum espaço para o que ocorria fora dos gramados, contando alguns detalhes pessoais de cada jogador. Como o fato do goleiro Leão ser professor primário, mas não ter tempo de dar aula. Ou o zagueiro Piazza, prestes a se casar. Entretanto, em 2002, a perfil dos 23 jogadores relata apenas as qualidades profissionais e físicas dos atletas (idade, altura, peso e clubes que passou).

A forma como o Brasil é defendido pelo jornal também mudou nesse intervalo de 32 anos, principalmente em relação a arbitragem. Em 1970, a maior reclamação do jornal foi contra o árbitro espanhol José Maria Ortiz de Mendibil Monastério, do jogo entre Brasil e Uruguai. Segundo Zero Hora, ele não evitou o jogo violento dos adversários, principalmente contra Pelé. O que acabou não sendo citado pelo jornal foi a famosa cotovela dada pelo próprio Pelé em um jogador uruguaio, num lance em que Monastério marcou falta para o Brasil. Todas as críticas do jornal são sobre lances contrários aos brasileiros.

Já na Copa do Japão e da Coréia do Sul, o jornal não deixou de admitir as vezes que o Brasil acabou sendo favorecido por erros da arbitragem, citando principalmente os jogos com a Turquia (pela primeira fase) e contra a Bélgica (nas oitavas-de-final). No primeiro, a Seleção conseguiu marcar o gol da vitória através de um pênalti mal marcado pelo árbitro, quando o jogador brasileiro teria sido – na verdade – derrubado fora da área. No segundo, quando o jogo ainda estava zero a zero, a Bélgica teria um gol mal anulado, quando o seu atacante ganhou a disputa por uma bola no ar e fazendo o gol de cabeça, porém o árbitro jamaicano marcou incorretamente uma falta sua sobre o zagueiro brasileiro.

Além dos jogos dos brasileiros, o assunto da arbitragem foi muito discutido por Zero Hora em 2002. Após inúmeros erros em jogos decisivos, o Jornal da Copa perguntava qual era o melhor adjetivo para qualificar alguns árbitros do Mundial: ingênuos, ruins ou vendidos. Somava-se aos jogos em que o Brasil teria sido favorecido, na visão do jornal, outros jogos, como a arbitragem de Uruguai e Senegal (terminado 3 a 3, com as duas seleções reclamando da sua atuação) e Croácia e Itália (vitória croata por 2 a 1, quando foram anulados erroneamente dois gols italianos). Zero Hora ainda comentou mais dois jogos em que os sul-coreanos

acabaram sendo beneficiados por erros na arbitragem: contra os italianos (nas oitavas-de-final) e os espanhóis (nas quartas-de-final). Nos dois jogos, o asiáticos – jogando em casa – conseguiram a classificação.

CONCLUSÃO

Um esporte da dimensão do futebol, no seu maior evento que é a Copa do Mundo, ganha hoje uma cobertura jornalística à altura da sua importância e diversificado como ele é atualmente. Comparado com o que era produzido pelos periódicos três décadas atrás, a repercussão que encontramos mudou seus critérios na forma de conduzir as notícias que o torcedor recebe no jornal impresso.

Não basta apenas citar as qualidades que a seleção do nosso país possui. Também é necessário montar um panorama o mais completo possível a respeito do assunto. Fazer o leitor descobrir outras coisas além de ficar enumerando predicados acerca do selecionado nacional. O desafio de uma cobertura de um evento da grandiosidade de uma Copa do Mundo é fugir da mesmice, do lugar comum em que o jornalista pode acabar se ficar unicamente contando que um time ganhou de outro e que tal jogador é o melhor daquela equipe.

O leitor atual quer mais do que as informações básicas. Ainda mais se tratando de um assunto que chama tanto a atenção como Copa do Mundo. E Zero Hora trabalha essa questão na cobertura do Mundial de 2002. Por exemplo, além de destacar que o Brasil iria jogar contra a Turquia na estréia da Copa e a grande dúvida era quem substituiria o cortado Emerson, o jornal também abriu espaço para contar um pouco do “país” Turquia, e não só a “seleção” Turquia. O assunto do corte do jogador brasileiro na véspera da estréia do time, era – claro – uma grande notícia, como foi abordado pelo jornal, mas também era necessário oferecer ao leitor uma maior seleção de informações.

O cerne da cobertura, como em 1970, continua sendo qual seria o time titular, os resultados das partidas, os autores dos gols, e demais dados. Contudo, não devendo se restringir a tão pequena abrangência de temas. Os jornais hoje

passaram a ser considerados como empresas jornalísticas, e o seu produto – para atrair o leitor/consumidor – deve ser diversificado. Mesmo quando o tema já é uma seção do jornal, como a Copa do Mundo ou esportes. E o leque assuntos vai depender da percepção que o jornalista tem do que acontece ao seu redor, como observar os hábitos caseiros de um trabalhador coreano de classe média, ou explicar os conflitos religiosos entre muçumanos ortodoxos e não-ortodoxos. Não basta notícia bem analisada, é preciso pauta inteligente

Ao comparar a cobertura de Zero Hora nas Copas de 1970 e 2002, essa diferença se destaca perante as outras. O leitor que procurasse a notícia de uma das vitórias brasileiras em 1970 encontraria basicamente uma narração jogo nas páginas do jornal. Além disso, Zero Hora adotou um padrão de separar o Brasil do seu adversário a cada relato dos jogos. Mesmo a notícia sendo na sua síntese, por exemplo, a vitória brasileira sobre o Peru, o jornal dava duas notícias: uma contava que o Brasil ganhou por 4 a 2 os peruanos, e a outra dizia que o Peru perdeu por 4 a 2 para os brasileiros. A mesma informação, com a única variação sendo a mudança no enfoque dos personagens principais.

Modelos como esse já não se encontram mais nas últimas coberturas, como a de 2002. Um dos motivos é que, ao ler o jornal, o leitor provavelmente já assistiu ao jogo e não lhe interessa mais ler apenas a descrição das jogadas. Também porque hoje já não se espera de um jornal apenas a apresentação de uma notícia. Cada meio de comunicação de massa atende a necessidades específicas, que ao longo do tempo foram ficando cada vez mais particulares a cada veículo. O rádio e a Internet são, hoje, os meios de comunicação caracterizados por informar o fato assim que ocorreu, o mais rápido possível. Seguindo esse raciocínio, cabe a televisão ampliar a notícia com o uso da imagem. Impressos, como jornais e revistas, continuam o processo de detalhamento do fato.

Tomando como parâmetro os momentos históricos que foram a década de 1970 e o início do século XXI, não podemos deixar de citar a conjuntura política que os períodos estão inseridos. A ideologia de segurança nacional empregada pelo regime militar tinha como uma de suas ferramentas para evitar manifestações populares, que poderiam abalar o governo, o controle das informações que eram divulgadas pela imprensa, que era visto pelos militares como um dos possíveis focos para o surgimento de ações com idéias distintas às suas. Ressalta-se que a Copa do

México aconteceu pouco depois de decretado o AI-5, que aumentou os poderes do governo para controlar a imprensa.

Mesmo sendo um assunto apoiado pelo governo, a cobertura da Copa do Mundo do México não foi realizada de forma livre pelos jornais. O interesse governo era privilegiar notícias que enaltecessem o “orgulho nacional”, como era o caso da Seleção Brasileira, que naquele momento representava um Brasil vencedor, superior, inigualável.

O resultado da Copa de 1970 acabou sendo o que o governo militar ansiava. Quando o capitão Carlos Alberto levantou a taça Jules Rimet no Estádio Azteca, no México, o regime que governava o país também se sagrou como campeão.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa, (1970-2000)**. Coleção Descobrimo o Brasil. (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002).

ARBEX JR., José. **Showrnalismo – a notícia como espetáculo**. 3ª Edição. (São Paulo: Casa Amarela, 2001).

BARBEIRO, Heródoto. RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. (São Paulo, Editora Contexto, 2006).

BOAS, Sérgio Vilas (org.). **Formação & Informação Esportiva: jornalismo para iniciados e leigos**. Série Formação & Informação. (São Paulo: Editora Summus, 2005).

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. Coleção Comunicação. (São Paulo, Editora Contexto, 2004).

DUARTE, Orlando. AMARO, Fábio. **Capas da Copa**. Edição bilíngüe: português/inglês [versão para o inglês Anthony Doyle, Jeffery Hessney e Stephan Berg]. (São Paulo: Cosac Naify, 2004)

FILHO, Barbosa. **Brasil em Copas do Mundo. “As conquistas heróicas e as decepções amargas da nossa seleção”**. 1ª Edição. (São Paulo: Panorama Editora, 2004).

GEHRINGER, Max. **A Saga da Jules Rimet. A História das Copas de 1930 a 1970. Fascículo 9 – México 1970**. Revista Placar Especial. (São Paulo: Editora Abril, Maio de 2006).

GENTILI, Vitor. **O Jornalismo Brasileiro do AI-5 a Distensão: “milagre econômico”, a repressão e a censura.** In: Estudos em Jornalismo e Mídia: revista acadêmica semestral. Vol. 1, n. 2 (2004), p. 87-99. Programa em Pós-Graduação em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina. (Florianópolis: Editora Insular, 2004).

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** (São Paulo: Editora Contexto, 2005).

REIS, Paulo Roberto de Oliveira. **Phileas Fogg : Josué Guimarães viaja na crônica em jornal.** Volume 1. Dissertação de Mestrado em Letras - PUCRS, Instituto de Letras e Artes (Porto Alegre, 1999).

SMITH, Anne-Marie. **Um Acordo Forçado – O consentimento da imprensa à censura no Brasil.** 1ª Edição. (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000).

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 4ª Edição. (Rio de Janeiro: Mauad, 1999).

UNZELTE, Celso. **O Livro de Ouro do Futebol.** 3ª Edição. (São Paulo: Ediouro, 2002). Coleção livro de ouro.